

O LUBUCO

ALGUMAS OBSERVAÇÕES

SOBRE O

LIVRO DO SR. LATROBE BATEMAN

INTITULADO

THE FIRST ASCENT OF THE KASAI

POR

HENRIQUE AUGUSTO DIAS DE CARVALHO

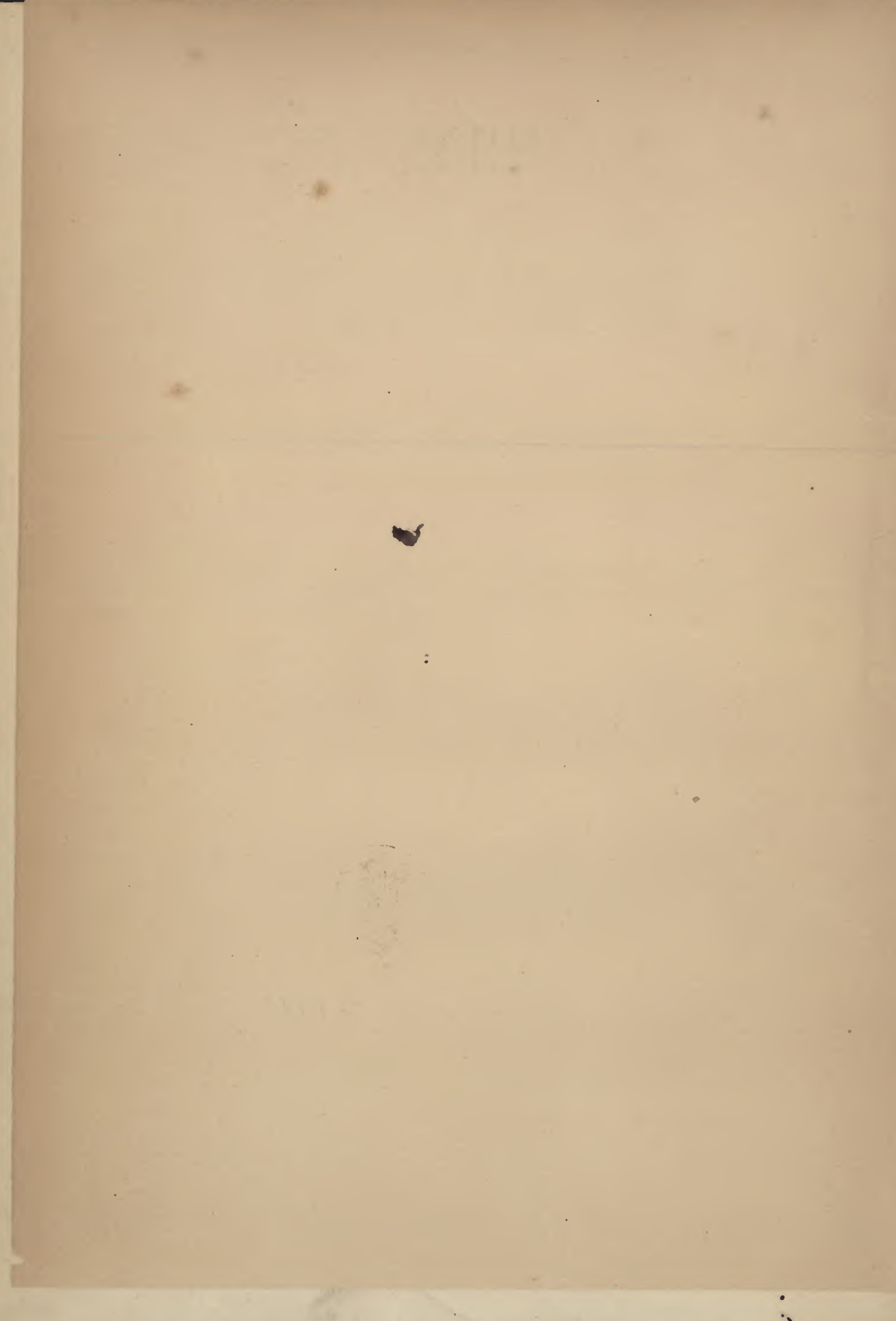
MAJOR DO ESTADO MAIOR DE INFANTERIA E CHEFE DA EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA
ÁS TERRAS DA LUNDA NA AFRICA CENTRAL (1884-1888)

(WITH THE ENGLISH TRANSLATION)

LISBOA
IMPRESA NACIONAL
1889



1844



O LUBUCO

ALGUMAS OBSERVAÇÕES

SOBRE O

LIVRO DO SR. LATROBE BATEMAN

INTITULADO

THE FIRST ASCENT OF THE KASAI

POR

HENRIQUE AUGUSTO DIAS DE CARVALHO

MAJOR DO ESTADO MAIOR DE INFANTERIA E CHEFE DA EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA
ÀS TERRAS DA LUNDA NA AFRICA CENTRAL (1884-1888)

(WITH THE ENGLISH TRANSLATION)



LISBOA
IMPRESA NACIONAL
1889

R. 5.489

Á IMPRENSA PORTUGUEZA

As observações que seguem referem-se, embora só em parte, á questão mais vital para a Nação Portugueza — a integridade do seu imperio africano — que os estrangeiros, que nos são adversos, parece estarem accordes em querer subverter.

Não são ellas inspiradas pelo modo de ver superficial do escriptor irresponsavel, mas dictadas por convencimento profundamente arraigado e pela experiencia de quem tem consumido quasi todo o tempo util da sua existencia, no continente africano ao serviço do seu paiz.

Dedico estas paginas á Imprensa Portugueza, num apelo vehemente aos órgãos de todas as parcialidades, a todos os publicistas, escriptores e homens publicos, amantes sinceros da sua patria, para que deem treguas aos seus pleitos, ás suas rivalidades, aos seus labores nos interesses de escola ou de partido, e concentrem todo o seu esforço e energia na grande lucta, na qual Portugal está deveras em-

penhado, para manter o que tanto sangue precioso e thesouros lhe tem custado a adquirir e conservar.

*
* * *

Creio que me será concedido sollicitar a indulgencia do leitor imparcial para qualquer falta devida á urgencia que puz em responder ás censuras feitas ao caracter de alguns portuguezes e á influencia portugueza na Africa, contidas em a narraçãõ, a outros respeito digna de interesse, publicada ultimamente na Inglaterra por um subdito britannico e ex-servidor do Estado Livre do Congo, o Sr. Charles Sommerville Latrobe Bateinan, intitulada— *The first ascent of the Kasai: being some records of service under the Lone Star.*

Alguns factos que menciono estou seguro que só de poucos serão conhecidos, e aproveito o ensejo para pôr o leitor em geral ao alcance de certas circumstancias que se referem ao Estado Livre do Congo, aos modernos exploradores africanos, á eterna questãõ da escravidãõ, aos nossos direitos de prioridade na descoberta, occupaçãõ ou civilisaçãõ em regiões africanas, especialmente no Lubuco, e finalmente á influencia da Nação Portugueza no continente ignoto; assumptos, alguns dos quaes trato com maior desenvolvimento e minuciosidade na serie de trabalhos que estou publicandõ, em que se contém a descripçãõ da Expediçãõ que tive a honra de conduzir, por ordem do governo de Sua Magestade, ás Terras da Lunda na Africa central, durante os annos de 1884-1888.

*
* * *

Tem sido e continúa a ser a Nação Portugueza, com o mais sincero e hourado proposito, inimiga estrema do trafico

da escravatura, e o auctor que acabo de mencionar vê-se compellido, pela força incontrastavel da verdade, a confessar com reluctancia¹ que em territorio portuguez a mercaderia do escravista não tem valor nenhum, ou quasi nenhum, visto que Portugal se comprometteu solemneamente a supprimir aquelle trafico.

De todas as nações que se interessam pela extincção da escravatura, nenhuma melhor que a Gran Bretanha conhece quantas perdas soffremos, quantos rancores concitámos e até quantos insultos, que jámais se podem esquecer, tivemos de supportar, no sincero empenho de não faltarmos ao nosso compromisso; um nome só — **Charles et Georges** — e esse basta para confundir os nossos diffamadores.

*
* * *

A conferencia para a discussão do grande problema que envolve, sem duvida, posto que latentemente, muitos outros correlativos e de não nienor importancia para o mundo civilisado na Africa, está em vespervas de ser inaugurada em Bruxellas. A Gran Bretanha, a França, a Allemanha, a Hesinha, a Italia, a Belgica, emfim todas as potencias que tem interesses a defender no continente africano não deixarão de pugnar por elles naquella assembléa, ao mesmo passo que pugnarem pelos interesses da humanidade; pois bem: não sejamos nós remissos em offerecer ali todas as provas que possam concorrer para pôr bem patente, ante os olhos d'aquelles que obstinadamente persistem em não ver, quaes *os nossos direitos* e quaes *os nossos agravos*.

¹ Op. cit., p. 157.

Que a Nação, profundamente maguada pela perda de um Rei, que aos dotes de excellente príncipe juntava os de bom cidadão e sincero patriota; que os poderes do Estado, que a imprensa, o publico esclarecido enfim, concorram com a sua quota de recursos, de acção, de conselho e de incitamento no proseguimento do grande fim verdadeiramente nacional — a conservação da integridade do nosso dominio africano — e se unanimemente tivermos o mesmo querer, por certo teremos tambem o poder para guardar e defender essa integridade.

Henrique Augusto Dias de Carvalho.

Lisbon, 20 de outubro de 1889.

R. Castilho, n.º 12.

O LUBUCO

Depois de ser do dominio publico a carta que no 1.º de agosto findo, tomei a liberdade de dirigir a Sua Magestade o Rei dos Belgas — *L'influence de la civilisation et de la colonisation latine et surtout portugaise en Afrique* — o distincto consul portuguez em Newcastle, e meu amigo o sr. Jayme Batalha Reis, chamou a minha particular attenção para o livro do sr. Charles Somerville Latrobe Bateman, outr'ora capitão e ajudante de *gendarmérie* no Estado Livre do Congo, intitulado — *The first ascent of the Kasai, being some records of service under the Lone Star* — publicado em Londres, 1889.

Esta obra, que abrange o periodo decorrido desde 30 de setembro de 1885 até aos fins de dezembro de 1886, não está ainda vulgarizada em Portugal. Sendo possivel que mais tarde d'ella se tirem illações, que nos surpreendam desagradavelmente, com respeito ao proceder de compatriotas nossos que foram encontrados a negociar nas terras dos Balubas pelo capitão Bateman, entendo que me cabe desde já o dever de não deixar correr sem o necessario reparo o

que se pretende attribuir de odioso a alguns Portuguezes sem attenção aos muitos favores e serviços de não pouca valia de que lhes são devedores, não só o mesmo capitão e todos os empregados do Estado Livre como os illustrados exploradores allemães que ali precederam estes.

Devo acrescentar que na narração do referido auctor sobre estas terras, principalmente no que respeita ao Lubuco, ha deficiencias e pouca precisão na data dos factos, o que de futuro poderá servir de argumento aos historiadores para desconhecerem não só a influencia portugueza naquella região, mas ainda que das nações europeas foram os Portuguezes os primeiros que a devassaram e prepararam os povos para a evolução que os destaca de seus vizinhos e em que os foi encontrar o fallecido Dr. Paul Pogge, cinco annos antes do sr. Bateman ali ter chegado.

Julgo conveniente ao mesmo tempo prestar alguns esclarecimentos, de mais antiga e de mais moderna data que os apresentados no livro citado, por onde o publico civilisado ajuizará das responsabilidades que podem caber aos negociantes portuguezes que são accusados de *fazerem disfarçadamente e com vario successo uma especie de trafico de escravatura.*

Pelos esclarecimentos que tambem apresento se conhecerá do procedimento auctoritario e irregular dos empregados ao serviço do Estado Livre, os quaes, não só concorrem com o commercio em condições altamente desvantajosas para este, e adoptando o mesmo systema do paiz, *uma especie de trafico de escravatura,* mas inutilisam os contratos feitos entre homens livres, obrigando os serviços de outrem a alistarem-se por contrato nos trabalhos das estações do Estado.

Para acompanhar o sr. Charles Bateman tenho de recorrer aos meus livros em via de publicação e memoriar o que não pode estar esquecido pelos exploradores allemães, que sob a protecção do Governo portuguez e com o valiosissimo auxilio de Portuguezes da Europa e africanos conseguiram, a titulo das suas missões scientificas, entrar nas terras dos

Balubas, isentos de todos os encargos que oneram o commercio portuguez em Angola.

Entendemos dever tambem juntar a esta nossa exposiçãõ a traducção ingleza que segue, a fim de que se não possa em tempo algum allegar, como já se tem feito tantas vezes, que a defeza ou explicação dos direitos e actos dos Portuguezes em Africa é feita em uma lingua que não é geralmente entendida fora de Portugal.

*
* *
*

O missionario Livingstone, na sua viagem através do continente africano do Oriente a Loanda em 1854, pelos confins meridionaes dos dominios dos Lundas, confirma o que disse Joaquim Rodrigues Graça na sua viagem do Golungo-Alto pelo Bié á mussumba do Muatiânvua, 1843-1847, de que os Quiôcos não passavam para o norte do 10° de lat. S.

Ao tempo das guerras de Cassanje de 1857 a 1860 algumas tribus de Quiôcos, de que eram chefes Quissengue, Quiniama, Muchico, Congolo e Mucanjanga, tinham avançado e estabelecido as suas residencias entre os rios Luangue e Chiúmbue não indo porém além do 9° de lat. S.

Antes d'issojá se havia estabelecido em Quimbundo, com uma grande feitoria de commercio, o portuguez Carneiro, que depois se associou com o seu empregado Saturnino de Sousa Machado, a quem por ultimo a passou.

O maior negocio depois de 1860 era feito directamente com os Quiôcos das tribus vizinhas, porque esta feitoria concedia creditos aos seus chefes, caçadores de elephantes, e tambem por intermedio dos aviados negociava ella com os povos do Muatiânvua até ao Cassai e mantinha uma agencia na Mussumba junto ao mesmo Muatiânvua.

Até 1850, no tempo do Muatiânvua Noéji, a pedido d'este, alguns caçadores Quiôcos de Andumba-á-Têmbue e os mais nobres do seu estado faziam todos os annos as suas caçadas aos elephantes entre os rios Lulúa e Lubiláxi.

Aquem do Chicapa, ainda em 1864, Carneiro, em companhia dos Quiôcos, seus viziuhos e freguezes, ausentava-se por sete ou oito dias para ir caçar elephantes nos matos da vizinhança de sua casa e á sua parte matava tres ou quatro.

O marfim era muito procurado e por isso depois de 1866 com muita difficuldade se encontravam elephantes áquem do 8° de lat. S. Os caçadores da Mussumba iam procurá-los no norte a leste de Canhúca e nas proximidades do Lubiláxi. Os Quiôcos depois d'esta epocha destacavam-se, subdividindo-se e espalhando-se mais para norte marginando os rios Chicapa e Chiúmbue, não passando ainda assim as suas povoações alem do 8° de lat. S.

Escasseára o elephante, encontrando-se algum desgarrado em excursões até ao 7° de lat., e por isso Mucanjanga, afamado caçador, conhecido tambem por Quilunga, com alguns mais ousados dos seus companheiros, lembrou-se de sair do seu sitio em exploração para o norte marginando pela esquerda o Chicapa.

Os Quiôcos quando viajam fazem-se acompanhar de suas familias, que transportam tudo quanto possuem, com receio de não encontrarem cousa alguma no seu regresso e partem sempre com o pensamento reservado de se estabelecerem onde encontrem localidade que lhes offereça mais vantagens do que aquella que deixam, e onde não tenham a recear opposição da parte dos vizinhos. É por isto que se previnem sempre com diversas sementes não lhes esquecendo a de *Cannabis indica*, ou liamba.

Não dispensam os Quiôcos, homens e mulheres, a sua *mutopa*¹ e as folhas preparadas da liamba para fumarem nas horas de ocio e mesmo quando entretidos em conversa.

Quilunga foi acampar, com a sua grande commitiva, no Quicassa, além da confluencia do Quicapa com o Cassai, e tratou logo de estabelecer relações com as tribus ao norte,

¹ Cabaça por onde fumam.

que tinham por chefes Quindama, Quingunzo Marimba, Tundo-ia-Anzâmbi e Macâmbi; os quaes me disseram serem Tupéindes. Foram estes novos amigos que aconselharam Quilunga e os caçadores seus companheiros a passarem o Cassai para a margem direita, onde encontrariam os Bachilangues-Balubas, que tinham muito marfim e caçavam o elephante servindo-se de armadilhas.

Quilunga mandou procurar o seu maior potentado Quichimbo Cassongo e annunciar-lhe uma visita de amizade, enviando-lhe por essa occasião de presente: uma farda para vestir, visto ser pessoa de alta categoria, e uma espingarda lazarina e um barril de polvora para matar o elephante e não ficar esperando que elle se deixasse cair nas armadilhas.

Quichimbo tinha, na verdade, abundancia de marfim, e não lhe conhecendo o valor, com elle cercára a sua habitação para a resguardar durante a noite dos ataques de animaes silvestres. Além d'isto, muitas pontas jaziam no solo entre o capim, expostas ao tempo.

Surprehenderam-o os presentes que lhe enviava Quilunga, á vista dos quaes pensou ser elle um homem de grandeza, e querendo conhecer o uso da arma e da polvora, despachou immediatamente gente sua para ir ao rio recebê-lo e acompanhá-lo á sua presença.

Da visita de Quilunga resultou o destinar-lhe logo Quichimbo logar em que a sua gente devia acampar, e nesse mesmo dia toda a committiva passou o Cassai e procedeu á construcção das habitações, emquanto Quilunga se entretinha fumando e conversando com o seu novo amigo, despertando-lhe a curiosidade pelo que lhe contava da gente civilisada que conhecia.

Usava Quichimbo acompanhar o seu amigo Quilunga nas caçadas, e assim foi reconhecendo o uso e vantagens das armas de fogo, pois que já tinha carne em abundancia para sua alimentação; notava, porém, que depois da ultima refeição do dia o seu amigo fumava muito, e apesar de tosse e vomitos não abandonava a mutopa. Quilunga fallava-lhe das excel-

lencias d'aquelle fumo, que fazia esquecer a fome e todos os males que affligem o homem, transportando-o a um mundo inteiramente novo, em que tudo o que se vê agrada, e além d'isso fazia-o conhecer durante o somno cousas que, acordado, só por feiticaria se poderiam saber.

Quichimbo ficou com isto muito impressionado, e, como é natural, quiz experimentar; pouco fumou, porque se embriagou logo; comtudo achou tão agradável o que sonhára, que no dia seguinte, junto á sua habitação, fez uma pequena sementeira da liamba.

Quilunga, tendo feito uma boa aquisição de marfim, regressou ao seu antigo sitio, na margem do Lúfi, affluente do Luachimo e proximo ao Quicapa, ficando de voltar no anno seguinte, depois de trocar com os filhos de Muene Puto do Calunga o seu marfim por fazendas, missangas e outras cousas boas que só elles sabiam fazer.

De facto voltou, já então seguro do caminho, e com cargas de polvora, armas, missangas, sal, buzios, roupas, etc., tendo em vista, além da caça, comprar o marfim que houvesse para vender, e já em sua companhia iam dois Ambaquistas, que viviam na residencia d'elle e costumavam cozer-lhe os pannos e fazer camisolas e casacos.

Todos os annos, na epocha do cacimbo (estio), Quilunga e os seus caçadores eram esperados pelos Bachilanges de Quichimbo, e faltando elles nos annos de 1871 e 1872, tanto este como os seus parentes sentiram muito não só a falta da companhia d'aquelles bons amigos, mas a da polvora e de outros artigos de commercio, de que muito careciam e de cuja posse reconheciam as vantagens.

Andava Quichimbo apprehensivo com esta ausencia, e uma noite, fumando liamba com o fim de adormecer e esquecer os seus cuidados, sonhou ter ido á terra de que lhe fallára Quilunga, onde entrára em casa de um homem branco e vira ali muitas roupas, fazendas, armas, polvora, missangas, etc., o que tudo comprára com marfim e trouxera para as suas terras, e que depois os brancos de Muene Puto o vi-

nham procurar para elle lhes dar marfim em troca de muitas cousas que lhe traziam, ainda melhores que aquellas que usavam levar-lhe os seus amigos Quiôcos.

Ficára-lhe impresso este sonho e de tal forma na imaginação, que de madrugada chamou seu cunhado Quinguengue e seus primos Capuco, Quimbundo e Umbeia e narrou-lhes o que vira de noite por causa da liamba de Quilunga, e convidou-os a fazerem uma viagem ao sitio d'este seu amigo. Combinaram levar-lhes um bom presente de marfim e de raparigas para elle lhes mostrar a casa do branco d'onde se fornecia.

Receavam dos povos por onde tinham de transitar, por ser a primeira vez que saíam de suas terras, mas convenceram-se que, vindo Quilunga procurá-los por causa de marfim e de raparigas, todos os chefes de povos que encontrassem deviam apreciar presentes d'estas especies e não poriam obstaculos á sua passagem. Sabiam o caminho que trazia Quilunga, acompanhando o rio Chicapa, e por isso ficou assente que se seguiria esse caminho. Cada um tratou de arranjar á sua committiva, levando marfim e as raparigas de que pudessem dispor para presentes e negocio, e para demonstrar aos povos, com que deparassem, que o seu fim nada tinha de hostil, não levavam os arcos e frechas que costumavam usar para a sua defeza.

Passaram o Cassai no porto dô Muiamba, e logo ali lhes appareceu Quiluata da parte de Maí Munéne para se oppor á sua marcha, porém Quichimbo entendeu dever dar logo ao Quiluata um presente para Maí, constante de duas pontas de marfim e quatro raparigas, e para elle de uma ponta e de duas raparigas.

A resposta de Maí não se fez esperar; achava arrojada a tentativa dos Bachilangues, porém como Quiluata mandára dizer que de facto Quilunga por vezes visitára Quichimbo e elle quizesse viver em boas relações com os Quiôcos e com os seus vizinhos, de que podia obter bom commercio d'ahi em deante, e como vivesse afastado do Muatiánvua, não só lhes

mandou testemunhar o seu reconhecimento pelo presente, mas correspondeu a elle com mantimentos de bôca para o caminho, e ainda lhes mandou apresentar dois homens de confiança para os guiarem até á fronteira dos seus dominios, o que Quichimbo agradeceu com um novo presente.

Marginando o Quicapa, foram dando pequenos presentes a diversos chefes, até que entraram na povoação de Mona Congolo, proximo ao 9° S., onde viviam filhos de Ambaca e de Malanje. Aqui tiveram demora, porque Mona Congolo, primo de Quilunga, conhecendo as boas relações d'este com o seu hospede, quiz ser-lhe o mais agradavel possivel, e mesmo muitos dos rapazes da sua povoação, que tinham feito parte da comitiva de Quilunga aos Bachilanges, queriam obsequiar alguns amigos que vinham com Quichimbo.

Este chefe, grato pela recepção que lhe faziam, deu um bom presente de marfim e raparigas a Congolo, o qual, não querendo demorar a satisfação que seu primo devia ter em ver no seu sitio aquelle potentado, que de proposito saíra dos seus dominios para o procurar, proporcionou-lhe provisões em abundancia para elle poder partir quando quizesse.

Conversando Quichimbo com Mona Congolo e com Joannes Caxavalla, de que falla o capitão Bateman com o nome de Manuel Caxavalla Silva da Costa e com o parente d'este, Antonio Bezerra de Lisboa, e outros Ambaquistas e Malanjes, contou-lhes o sonho que tivera e os desejos que nutria de conhecer os filhos brancos de Muene Puto, o seu modo de viver, etc.

Antonio Bezerra foi um dos que Congolo escolheu para ir com a comitiva de Quichimbo ao Lúfi conduzi-lo ao seu parente Mueanjanga e guiá-lo d'ahi á feitoria de Saturnino Machado, em Quimbundo, onde Bezerra era empregado.

Mueanjanga estava doente, mas ficou agradavelmente surprehendido pela visita de seu amigo e pela arrojada viagem que emprehendera para o ver, e recebeu-o o melhor possivel; mas disse depois a Bezerra:

— Senti que elle fizesse tal viagem; abriu o caminho para as suas terras e estragou o negocio.

Quichimbo deu-lhe de presente dez pontas de marfim, sendo seis de lei, e doze raparigas que foram apresentadas como virgens, ao que Quilunga correspondeu com armas, polvora e missangas. Como desejasse negociar o marfim que trazia, mandou Quilunga acompanhá-lo até Quimbundo, recommendando-o ao seu amigo Saturnino Machado, vulgo entre os indigenas Quissesso, pedindo-lhe que fizesse com elle bom negocio.

Saturnino Machado hospedou a commitiva, como de costume, mandando-lhe dar pousada e de comer e beber, antes mesmo de entrar em transacções com o seu novo freguez, que geralmente só principiam tres dias depois da viagem.

Saturnino Machado aproveitou o ensejo para se informar com Quichimbo e seus parentes sobre os usos e costumes das suas terras, do negocio que podiam apresentar aos filhos de Muene Puto, como se fazia este negocio; e tambem se prestou a responder ao que elles desejavam conhecer acerca dos Portuguezes.

Nestas frequentes conversações eram interpretes Ambaquistas, Malanjes, enfim individuos de diversas proveniencias de Angola, que estavam em Quimbundo e que mais ou menos se faziam entender pelos Bachilangues.

E como é natural, generalisando-se as conversas entre todos, ficaram aquelles interpretes conhecendo a vantagem que haveria em preferirem as terras dos Bachilangues ás dos Lundas para negociar as pacotilhas que a credito alcançavam das casas portuguezas, nos concelhos a leste de Loanda, e do melhor partido que podiam tirar dos conhecimentos adquiridos pela educação que deviam aos Portuguezes.

Comprehendeu Saturnino Machado que lhe era conveniente captar as sympathias dos novos freguezes e deu-lhes a escolher á vontade, nos valores estabelecidos, os artigos de seu commercio, e tanto Quichimbo como os seus parentes se forneceram do que mais lhes conveiu.

Retirando a expedição de Quichimbo pelo sitio de Quilunga e indo muito satisfeitos os chefes com o negocio que haviam realisado, convidaram este a voltar ás suas terras para ensinar aos rapazes a fazer uso das armas que levavam.

Corrêra a noticia entre os Bângalas das margens do Cuan-go e vizinhanças do caminho aberto pelos Bachilangues-Balubas e de que estes precisavam de sal e buzio em quantidade, e tambem de armas e polvora, e que tinham marfim e borracha em abundancia.

Quando Quichimbo chegou ao seu sitio convidou todos os parentes e os homens mais velhos das povoações vizinhas a virem ver as riquezas que elle trouxera do Quilunga¹ e ouvi-lo sobre os conselhos que elle tinha a dar-lhes para a sua felicidade.

Recommendou a todos que quizessem ser felizes que fumassem liamba e que só reconheceria d'ahi em diante como seus amigos os fumadores de liamba, devendo elle o conhecimento que tinha da bondade d'essa planta á amizade que travára com Quilunga. Acrescentou que os que fizessem desenvolver as plantações da liamba constituíam a Sociedade da amizade—Lubuco—e a esta sociedade pertencia fazer a felicidade dos Balubas e das suas terras, franqueando nelas a entrada aos estrangeiros que quizessem manter com elles relações de amizade e commercio.

Os rapazes abraçaram logo estas ideas que tiveram opposição da parte de alguns velhos e da gente que queriam conservar os seus antigos costumes, e d'ahi se originou a distincção dos *Bana liamba* e *Impelumba*.

Não se pode ser admittido na Sociedade da amizade sem que o individuo proposto se sujeite a um certo numero de ceremonias, sendo a da lavagem do corpo em um rio, a principal. Os seus adeptos constituem o que se chama *Moio*,

¹ Por muito tempo se persuadiram os Bachilangues que todas as terras por onde passaram pertenciam ao Quilunga.

que tem sido interpretado por uns como *juramento*, por outros como *vida*; visto que de facto abandonam depois d'aquellas ceremonias os habitos antigos e adoptam outros novos instituidos pelos fumadores da liamba. Actualmente Bana liamba e Bana moio tem a mesma significação; são individuos da primeira classe no estado, a que constitue o Lubuco e é d'esta classe que se promovem os que teem na côrte o titulo de Muquelengue.

O primo de Quichimbo, Capuco Quimbundo, não quiz reformar completamente os seus antigos habitos; considerando-se comtudo subdito de Quichimbo foi estabelecer-se na margem de Muansangoma.

O seu povo distingue-se logo pelo traje, lembrando os Cabindas da costa. Em vez dos grandes pannos de algodão, desde a cintura até ao delgado da perna, usam trajos de tecidos por elles feitos de fios de plantas a que chamamos *mabellas*.

Quichimbo realizou ainda outra viagem ao sitio de Quilunga sendo bem succedido, acreditando os seus que alguns espiritos bons o protegiam para elle fazer a felicidade das suas terras, e é depois d'isto que o consideraram superior a todos os chefes — *Muquengue*.

Morrendo este homem em 1873 diz-se que numa viagem a Quilunga, e deixando um filho ainda menor, este chefe mandára acompanhar a creança a casa de seu pa e dizer aos parentes, que, tendo morrido este, era áquelle menor que pertencia herdar o estado, e se elles queriam continuar a manter boas relações com os Quiôcos deviam acceitar o seu conselho.

Quinguengue, cunhado do Muquengue allegando que tambem elle e sua mulher, irmã d'aquelle, tinham visitado o Quilunga, resolveu-se a tomar posse do mando, ficando de educar seu sobrinho para o substituir quando elle morresse e declarou achar-se com forças para continuar a obra principiada por seu irmão — o engrandecimento das suas terras e o bem estar dos povos. Todos os do Lubuco annuiram a

que elle fosse Muquengue e participando elle a Quilunga a resolução tomáda, disse que protegeria seu sobrinho e o educaria para entrar um dia no estado de seu pae, encontrando-o então em muito melhores condições do que elle o deixára e que contava com a boa amizade de Quilunga e de todos os Quiôcos seus parentes para o bom exito dos seus projectos.

É facto que, durante o tempo do actual Muquengue, successor de Quichimbo Cassongo, começaram a affluir ás terras dos Bachelangues-Balubas as committivas dos Quiôcos das margens dos rios entre o Cassai e Luangue, as dos Bângalas e de diversas de povos de Angola; residindo temporariamente na capital e em outras povoações do Lubueo gente de Ambaca, de Malanje e ainda outros individuos das committivas de Angola que sabiam ler e escrever a lingua portugueza e tinham aprendido officios manuaes.

O Muquengue e os Bana-moio, tratavam estes como seus amigos e pagavam-lhes bem os serviços que lhes prestavam em cortar e coser roupa, fazer calçado, ensinar-lhes os filhos, etc., com borracha e gente que lhes davam para os seus trabalhos domesticos.

Os Ambaquistas, principalmente, acostumados ao fabrico de louças de barro e artefactos de ferro e de madeira, tiraram bom partido das suas industrias.

Os Angolenses que se encarreiraram para a terra dos Balubas, de tal modo estreitaram relações com estes povos, que se apparentaram com elles e conseguiram ir introduzindo no dialecto do paiz muitas palavras portuguezas já perfixadas ao uso da lingua ambunda supprindo assim as faltas que nelle encontravam.

Emfim, em 1874, a evolução d'estes povos fazia-se pela reforma dos seus usos e costumes, ao mesmo tempo que o commercio se desenvolvia pela affluencia de committivas indigenas de diversas proveniencias que todos se forneciam da provincia de Angola.

No numero dos individuos que mais frequentemente vi-

sitaram o Lubuco d'esta epocha em deante, encontra-se Manuel da Silva Costa, conhecido por Joannes e por Caxavalla, que contava já algumas viagens á mussumba do Muatiãnvua e estava acostumado ao negocio com os Lundas e Quiôcos entre os quaes vivêra por muito tempo.

Foi por vezes empregado de Custodio José de Sousa Machado em Malanje, e de seu irmão Saturnino de Sousa Machado em Quimbundo. Na sua ultima viagem de regresso da Mussumba o seu parente, o velho Lourenço Bezerra, agente da casa de Sousa Machado, encarregára-o de conduzir uma grande caravana de marfim para esta casa, e ao passar o Cassai foi victima de uma emboçada que lhe preparára Xanama, que o tomava por feiticeiro, estando a sua vida em risco durante alguns dias.

Não apparecendo as respostas que esperava de Saturnino por causa de desencontros com este, que seguira para o Cassai, conseguiu escapar-se, e Saturnino Machado depois, ainda poude salvar do sequestro uma grande parte da sua fazenda.

D'ahi em deante nunca mais Caxavalla quiz voltar á Mussumba e principiou a encarrear-se por conta de Machado e umas vezes com creditos da casa para o Lubuco, e para lá tambem encaminhou os seus parentes.

Em verdade, no Lubuco nunca houve marfim em abundancia, porque os elephantes corridos do sul não pararam ahi, passaram o Lulúa e ficaram entre os Baquetes, Bacubas e Batúas e estes povos que se recusaram a receber gente estranha nas suas terras e que nunca quizeram fazendas por terem com que as supprir, negociavam o marfim com os Balubas a troco de gente e de buzios.

Eram os Balubas que transaccionavam com aquelles povos e por isso as comitivas indigenas, que procuravam marfim entre os Balubas, tinham primeiro de comprar gente onde ella se vendesse e nas transacções entrecalarem esta com buzios, sal, polvora, armas e missangas. Além d'isto os Balubas do Lubuco, os Bana-liamba, pela reforma de seus costumes prezavam mais as suas mulheres e filhos, e

tambem queriam servos, para dispensar a familia de um certo numero de serviços domesticos que já consideravam humilhantes.

Este especie de commercio de escravos, como lhe chamou o capitão Bateman, tornou-se para estes povos uma transacção natural, um modo de satisfazerem as suas necessidades.

Mas, seja como for, o que não offerece duvida é, que este modo de commerciar é especial dos indigenas do continente, e no Lubuco não foi uma novidade que lá introduziu o negociante Saturnino Machado, como o Sr. Bateman vae conhecer pelo que se segue.

Ainda em 1874 as committivas de commercio que iam ao Lubuco não passavam o Lulúa, nem da confluencia entre o Lulúa e o Cassai; permutavam o seu commercio na propria capital do Muquengue. E é occasião para dizer que os Turubas de Maí Munene, os Tubungos, povos primitivos que originaram o estado do Muatiânvua e os Matabas do norte crêem que o Cassai é filho (affluente) do Lulúa e chamam a este Zaire; a gente de Muata Cumbana, os Tupeíndes, chamam ao Cassai, Zaire, e os de Muene Puto Cassongo e povos vizinhos tambem chamam ao Cuango nas suas terras Zaire. Se não ha uma perfeita noção entre estes povos de qual é o verdadeiro Zaire, é certo que todos teem conhecimento d'elle e pode-se considerar que este rio, pelo fallar dos naturacs, é constituído por todas as aguas dos seus affluentes reunidas no grande canal que lhe dá saida para o Oceano.

Mas isto é uma questão de nome e a sciencia decidirá pelo estudo de todos os seus affluentes qual aquelle que se deve considerar a continuacção do Zaire ou melhor o Zaire por conveniencia de nomenclatura. Quer o capitão Bateman que seja agora o Sancoro, até aqui considerado lago mesmo pelos ultimos exploradores allemães, o rio Cassai—mas os indigenas teem nomes para todos elles e são esses os nomes por que os devemos conhecer—embora nas cartas se ponham outros.

Foi já em 1875 que o Muquengue permittiu ás committivas de commercio que se estabelecessem para abreviar as suas permutações em Cabau, na margem direita do Lulúa, em terras dos Baquetes, e no Capuco, na margem do Muansangoma, devendo as committivas pagar tributos de entrada e saída nesses mercados ao passarem na sua capital. Era este um meio de attrahir os seus vizinhos com o commercio, no que interessavam os Balubas.

*
* *

De 1875 a 1876 a Europa ignorava a existencia do Lubuco, de onde já a provincia de Angola, por intervenção dos seus naturaes por via de Cassanje e Malanje, recebia o marfim e a borrachia; e foi nesta epocha que a expedição de Pogge e Lux se dirigiu, com o auxilio do negociante Custodio Machado, de Malanje a Quimbundo, onde aquelles exploradores foram hospedados na feitoria do irmão d'este, Saturnino Machado.

Lux retirou, e Pogge, com pombeiros de Saturnino e com o Cacuata Vunje, funcionario do Muatiânvua, que era então o Xanama do Cassai, e que estava residindo em Quimbundo affastado com receio de seu amo, dirigiram-se á Mussumba pelo antigo caminho chamado *o grande*.

Era o Dr. Pogge um cavalheiro muito distincto, captivando todos pelo seu fino trato, e por isso os irmãos Machados empenhavam-se em lhes serem agradaveis, proporcionando-lhe todos os meios ao seu alcance para o bom exito dos seus projectos e suavizando-lhe todas as agruras que ha sempre em viagens pelo sertão africano. Saturnino Machado, vendo que o Dr. Pogge ia encontrar-se isolado entre gentes que lhe eram inteiramente estranhas, preveniu na Mussumba o seu empregado Lourenço Bezerra, homem velho e serio, que fallava bem portuguez e ha annos vivia em boa harmonia com a côrte e com o Muatiânvua — sendo este o

quarto soberano que ali conhecêra — para que estivesse sempre ao lado do Dr. Pogge e o avisasse de tudo que se passasse entre o Muatiânvua e os seus com respeito a elle, e providenciasse de modo a minorar-lhe todos os incommodos e privações, pelo menos emquanto aquelle viajante residisse na Mussumba.

Retirára o Dr. Pogge, em 1876, na intenção de voltar com um companheiro que se dispuzesse a fazer a travessia da Mussumba á costa oriental, emquanto elle ficava entretendo o Muatiânvua e procurando insinuar-se no seu animo.

O Dr. Pogge era muito estimado em Malanje pelos Portuguezes da Europa e estava muito grato aos irmãos Machados. Por vezes conversava sobre as difficuldades que encontrára da parte do Muatiânvua e sua côrte, sob pretextos muito frivolos, para sair do recinto em que acampára muito proximo da residencia real; mas convencia-se ainda — apesar de Saturnino Machado lhe mostrar que nada bom devia esperar d'aquelle Muatiânvua, que era o Xanama com quem tivera algumas pendencias — que conseguiria fazer com que um companheiro passasse da Mussumba para a costa oriental, e com esse intento voltou a Berlim.

Tratava de seu projecto quando em Berlim se fez uma apreciação menos justa do procedimento de Custodio Machado com respeito ao tratamento de um explorador, que morrera hospedado em sua casa; e P. Pogge, conscienciosamente tomando a sua defeza, fê-lo de tal modo que a Sociedade de Geographia de Berlim enviou a Custodio Machado o diploma de seu socio, e como recordação dos inolvidaveis serviços prestados á Sociedade nas pessoas de seus exploradores, remetteu-lhe um esplendido chronometro, com um dedicatória especial.

Em 1877 apresentou-se em Malanje, recommendado a Custodio Machado, o explorador Otto Schütt, tambem com o fim de ir á Mussumba; e Machado tratou de organizar a expedição, aconselhando-o a que seguisse pelo nordeste, porque o caminho seguido pelo Dr. Pogge estava explorado, não

havia nelle commercio, e de distancia em distancia infestavam-no os Quiôcos com o fim de roubarem as caravanas.

Quiz Schütt seguir o caminho indicado, porém antes do Cuango, tantas difficuldades se lhe levantaram com os povos vizinhos, que, não obstante as grandes despezas que já havia feito, desanimou e quiz retirar para Malanje. Teve a fortuna de encontrar no transito Saturnino Machado que, com o seu empregado João de Carvalho (vulgo João da Capeta), sabendo do succedido, o animaram a proseguir, compromettendo-se Saturnino a arranjar-lhe passagem no Cuango, emquanto João ía ao ponto da pendencia com aquelles povos, para evitar que estes tivessem conhecimento da tentativa projectada, d'onde voltou depois ao encontro de Schütt. Como este se julgasse com poucos recursos para se internar, seguiu com João para Quimbundo, emquanto Saturnino foi a Cassanje e sobre o seu credito, numa casa portugueza, fez um bom fornecimento de fazendas e outros artigos que acompanhou a Quimbundo.

Saturnino era da opinião de seu irmão, que não devia o explorador seguir para leste, e como tinha Quiôcos amigos na margem do Quicapa, foi João acompanhar Schütt pela margem direita, por recear que os carregadores, acostumados ao *caminho grande*, não quizessem ir tomar o caminho do norte.

Suppondo-se já em segurança, Otto Schütt dispensou os serviços de João, e mais para deante o interprete e os cabeças de carregadores, ouvindo fallar do negocio do Lubuco, convenceram o explorador a desistir de ir á Mussumba e a seguir para o Lubuco.

Ao chegarem á residencia de Maí, este não o deixou passar o Cassai, porque ia estragar o commercio. Mandou-lhe dizer que ficasse na sua terra e que lhe desse o negocio que trazia que lhe seria pago em marfim. Estava neste ponto a pendencia, quando chegou o Muata Mussenvo do Luachimo, e procurando Schütt participou-lhe que o Muatiânvua o mandava chamar, porque tinha muito marfim para lhe dar, e a

Maí, mandava ordem para que não deixasse passar o branco para fora das suas terras, porque os cannibaeos o podiam comer e elle não queria ter má fama com o Muene Puto.

Estas contrariedades incommodavam muito Otto Schütt, e uma noite, sentindo um tiroteio de fuzilaria, suppoz ser uma ameaça á sua pessoa, e para evitar desaguidados entregou ao seu interprete e a alguns rapazes da sua committiva uma porção da factura para a negociarem e deu ordem de retirada.

O interprete quiz convencê-lo que se tratava só da celebração de ceremonias de um obito, porém uma mulher que acompanhava o viajantê como creada e que queria regressar a Malanje, por ter receios do gentio, por vezes o enganava com as cautelas que elle devia ter entre os povos com quem tratava, e elle, inteiramente alheio aos usos e costumes d'elles e não se entendendo mesmo com os seus carregadores, insistiu em regressar.

Antes d'isto ao passar o 9° de lat. para o norte, os Quiôcos do Quissengue apresentaram-se a disputar-lhe a passagem, e essa pendencia levou dias a resolver. No entanto passava nas vizinhanças o nosso sertanejo Silva Porto, com uma grande caravana, em que os carregadores eram Bienes e Cangombes, subindo pela margem do Cassai, tendo partido de sua casa no Bié. Quando porém elle chegou ao Quissengue já Schütt retirára para Malanje.

No Quissengue deixou Silva Porto uma porção de cargas e passou o Luachimo, o Chiúmbue e o Chicapa, no estado de Congolo, e d'ahi o acompanhou Antonio Beserra, que disse ser aquella expedição a mais imponente que até ali tinha visto no centro de Africa.

Passando o Chicapa em Anguina Ambanza, seguiram com o Luachimo e depois com o Chiúmbue, indo passar o Cassai depois da confluencia d'este ao norte dos Tubinjis, no porto do Cambulo Mulonde, chefe de uma tribu de Bachilanguês, continuando para o norte até ao 5° de lat. S.

Em toda a viagem manteve Silva Porto boas relações

com os Quiócos, fazendo com elles algum negocio, porém sendo a distancia a percorrer grande, e muitas as povoações em que teve de entrar, por isso a despesa com presentes aos potentados e com passagens de rios não foi inferior a 500 libras esterlinas.

No Lubuco negociou com os Balubas, Baquetes e Bacubas, e pouco tempo se demorou para liquidar a sua factura, porque a offerta de marfim era grande nos mercados que visitou. Já encontrou os Bana-liambas ou Bana-moios no estado de desenvolvimento de que dei noticia. Na capital do Muquengue viu um grande numero de Angolenses do norte do Cuanza, e acampadas entre os Balubas encontrou, fazendo negocio em diversos pontos onde esteve, committivas de Quiócos, de Bângalas e de outros povos.

Os Bassongos e os Bacubas já nesse tempo procuravam obter gente para a vender aos Arabes nas margens do Luabala.

Em 1878 o Dr. Max Buchner, tão distincto pelo seu elevado saber como apreciavel pela sua modestia, foi recommendado a Custodio Machado pela secção africana da Sociedade de Geographia de Berlim, que então trabalhava de accordo com a Associação internacional belga. Desnecessario é dizer que foi por elle recebido como os seus antecessores.

Conhecia o Dr. Buchner os revezes de Otto Schütt, e organisava a sua expedição no intento de proseguir no projecto do Dr. Pogge. Seguiu para Quimbundo, onde foi hospedado por Saturnino, e preparou-se para remover os entraves que esperava dos Quiócos. Com o auxilio de um grande numero de Ambaquistas, que se aggregaram á sua expedição, que era pequena, conseguiu repellir as forças armadas do Quißengue, que tentára atacá-lo, e este principe, temendo-o, fez-se seu amigo. Buchner seguiu depois para a Mussumba.

Disse este esclarecido explorador por o ter observado: *que os Ambaquistas procuram entre os Lundas o seu Eldorado; isto é, mulheres para suas companheiras.*

O Muatiánvua Xanama portou-se mal com o affavel e

persistente viajanté, que, no regresso, por vezes soffreu as consequências de insistir em tentar a passagem por Canhúca para o Cassongo, no Lualuba, e em esquivar-se ao uso de negociar com o Muatiânvua a sua factura, que era o mesmo que entregar-lh'a e ficar na dependencia d'elle para retirar, o que só poderia fazer retrocedendo para Malanje.

Saindo do Caungula, na margem do Lôvua, tentou entrar nas terras de Muata Cumbana para, seguindo com o Luangue, procurar caminho para o Zaire; porém os *tucuat* do Muatiânvua, que por ordem d'este o acompanharam até ao Caungula, com receio de que elle fosse ainda a Canhúca, de tal modo o intrigaram com o Caungula e com os proprios carregadores da caravana, que o obrigaram a largar fogo a algumas cargas e retirar pelas terras de Capendacá-Mulemba.

Luctando ainda com difficuldades, proximo do Cuango, para proseguir a sua jornada, opportunamente obteve os socorros de que carecia, prestando-lh'os o fallecido negociante portuguez Luciano Elysio da Cunha, que então tinha uma casa de commercio na margem do Cuango. Este negociante foi ao seu encontro com os supprimentos necessarios, o que o illustre explorador logo quiz satisfazer, permutando uma ponta de marfim de lei, e a seu pedido o foi Cunha apresentar ao potentado Capenda, que já se havia recusado a recebê-lo dias antes.

Regressando o Dr. Max Bütchler a Loanda, em 1881, onde eu então estava, e procurando-me, em mim encontrou um sincero amigo. O intelligente doutor, sempre modesto, disse-me: que para ser infeliz em tudo, até as suas collecções se perderam no naufragio do paquete em que as tinha enviado para a Europa.

Emquanto o doutor andára no centro do continente, chegára a Malanje o major V. Mechow, que tambem recorreu á casa de Custodio José de Sousa Machado, que o hospedou e lhe proporeionou os meios indispensaveis para a sua exploração no Cuango; e poucos dias depois d'elle chegar a Ma-

lanje, ali entrou de novo o Dr. Pogge e seu companheiro o jovem e sympathico official de infantaria do exercito allemão H. Wissmann.

Já a este tempo tinha regressado á Europa o nosso intrepido e afamado major Serpa Pinto, victoriado por todas as nações pela sua gloriosa e rapida travessia do Occidente para o Oriente, realisada com os mais limitados recursos de pessoal e material, o que faria descrever do seu bom exito.

Soube o Dr. Pogge das contrariedades que soffrêra o Dr. Büchner, mas elle agora mais que nunca insistia em dar execução ao seu antigo projecto. Queria tambem para o seu paiz a gloria de uma travessia da Africa, mas pelas terras do Muatiãvua, sacrificando-se aos arduos trabalhos d'essa empresa, embora fossem recair sobre o seu companheiro os louvores pelo bom resultado do projecto que tinha em mente.

Não se pensava, portanto, nesta epocha ainda, nem em Berlim, nem em Bruxellas no Lubuco, d'onde já ia regressando para o Bié o nosso sertanejo e muito conhecido viajante africano Silva Porto, com os productos da sua audaciosa exploração commercial através das povoações dos Quiôcos, já então o terror das gentes da Lunda e das caravanas de Bângalas e de outros povos.

O Dr. Paul Pogge sabia que elle e o seu companheiro seriam recebidos em casa de Custodio Machado como em sua propria casa; e foi ainda este negociante quem organisou a nova expedição, apresentando-lhe d'esta vez Caxavalla para interprete e Germano para seu serviço particular.

Machado estava então bem informado por seu irmão Saturnino, por Caxavalla e outros, ácerca do Lubuco e das boas relações do Mnquengue com os Portuguezes africanos, e sabia-se que Silva Porto por lá andava fazendo muito negocio, e por isto, sempre que o Dr. Pogge proporecionava a occasião, procurava dissuadi-lo de voltar á Mussumba e lembrava-lhe o tentar fazer a travessia pelo norte.

A este tempo havia regressado do interior Antonio Lopes de Carvalho, empregado de Custodio Machado, e acha-

va-se em precarias circumstancias, por ter sido muito infeliz na sua exploração.

Carvalho viera novo do Brazil para Africa, mas nascêra em uma das provincias de Portugal, se bem me recordo da Beira, e não nas Minas, provincia do Brazil, que por engano o capitão Bateman diz ser de Portugal.

De facto Carvalho esteve em Benguella antes de estar em Malanje, e andou por muito tempo no interior ao serviço do destemido aventureiro José do Telhado, que deixou nome no centro do continente. Arrojado e trabalhador, mas educado por este numa má escola, conta Carvalho muitas aventuras em Africa, onde por mais de uma vez a sua vida corrêra perigo.

D'esta vez chegára a Malanje arruinado de saude e individado com a casa Custodio Machado, quando podia regressar com os necessarios meios que lhe garantissem um bom futuro.

Tinha ido em exploração de commercio por sua conta e risco além do 24° de long. E. de Greenwich entre o 10° e 11° de lat. S. do Equador, e ao sul do Samba encontrou abundancia de marfim. No regresso, querendo fugir aos Quiôcos, procurou internar-se em terras da Lunda e ali por ordem do Muatiânvua despojaram-no de todos os seus haveres, vendo-se forçado a ir á Mussumba, ao que se tinha esquivado quando tinha fazendas.

Valeram-lhe os empenhos de Saturnino e os esforços empregados por Lourenço Bezerra e Vieira Carneiro que estavam então na Mussumba, o primeiro com um estabelecimento agricola-commercial, conseguindo que elle regressasse, proporcionando-lhe e o proprio Muatiânvua, por ser elle um recommendado de Quissesso (Machado), os recursos de guias e provisões para chegar a Quimbundo.

Fôra o proprio Muatiânvua que o mandára roubar, por Carvalho ter passado para o sul com cargas de fazenda e não ter feito caso d'elle, repellindo os que o foram chamar em seu nome. Pagou cara a ousadia de não querer respeitar os

usos e costumes dos povos por onde transitava e foi de certo uma dura lição porque se encontrava numa situação difficil.

Carvalho e o Dr. Bütchmer, que tambem eram hospedes de Machado, procuraram dissuadir o Dr. Pogge de tentar a travessia pela Mussumba e eram de opinião emquanto fosse Muatiânvua o Xanâma que ninguem a realisaria. Carvalho promptificava-se a acompanhar os illustres exploradores seguindo o caminho que elle já trilhára até ao Lualaba, mas o Dr. Pogge não accitou a proposta porque comprehendeu que Carvalho o collocaria em difficuldades, visto ser seu interesse rehver parte dos prejuizos que soffrera á sombra da expedição, e alem d'isso porque o fim principal da Sociedade de Geographia, era conhecer o valor do marfim que a gente do Muatiânvua dizia existir em Canhúca entre o Lulúa e Lubiláxi, tres a quatro jornadas ao norte da Mussumba e que se considerava propriedade do Muatiânvua.

*
* *
*

Quando a expedição chegou a Quimbundo, Saturnino Machado com o seu conhecido bom senso pratico, poz os illustrados exploradores ao facto das noticias que tinha do occorrido no interior depois do regresso do Dr. Pogge.

Referiu que os Quiócos e Lundas, das dissidencias manifestadas ao tempo em que passára o Dr. Max Bütchmer, já tinham passado á guerra aberta conseguindo os Quiócos matar o maior potentado dos Lundas áquem do Cassai, o Muansansa, senhor de Cabango; que o Muatiânvua já por vezes tinha saído com as suas forças para guerrear os seus subordinados, grandes potentados entre os rios Cajidixi e Lubiláxi a leste e sueste da Mussumba; que os Quiócos mais ousados do sul estavam marginando o Cassai pela direita e saíam das suas povoações de combinação com Mucanza, senhor de Mataba, para fazer gazivas ao norte no paiz dos Tuncongos e Tubinjes. Finalmente, em vista da situação do paiz e do descontentamento que reinava contra o Muatiânvua, era

opinião de Saturnino que seriam baldados os sacrificios dos intrepidados exploradores para levarem por deante o seu projecto de travessia como desejava o Dr. Pogge e lembrou-lhes tentá-la pelo Lubuco para o Cassongo sendo-lhes mais facil no transito conhecerem da existencia do marfim no Canhúca e tambem a que annunciára H. Stanley no Caxexe.

Acrescentou ainda que do Lubuco acabava de regressar o negociante portuguez Silva Porto de uma exploração de marfim que se dizia feliz e realisada em poucos mezes, e que Caxavalla, o interprete dos exploradores, conhecia bem o Muquengue e tinha já com elle mantido relações de amizade. E para que os Quiôcos no caminho lhe não puzessem embaraços á marcha, Saturnino promptificava-se a mandar chamar o seu antigo freguez Mona Congolo, potentado muito respeitado por elles, o qual dando-se-lhe uma boa gratificação, de certo acompanharia a expedição.

Estes argumentos convenceram o bemquisto doutor a mudar de resolução e Mona Congolo, com quem eu tive relações durante alguns mezes, de bom grado se prestou a guiar a expedição pelo que foi gratificado com artigos de commercio no valor aproximado de 12 libras esterlinas.

Seguiram o itinerario combinado pela margem esquerda do Chicapa e depois da sua confluencia com o Cassai passaram este rio no Quicassa e dirigiram-se ao Muquengue.

Caxavalla apresentou os exploradores ao potentado e de tal modo se houve, que passados dias o Muquengue considerava-se feliz com os amigos brancos que elle lhe trouxera e o que não é usual, acompanhou-os pelo paiz dos Bassongos até ao Cassongo no Lualaba.

Germano ficára com alguns rapazes de Malanje construindo uma casa na margem do Lulúa para a estação onde o Dr. Pogge havia de regressar na companhia de Muquengue depois de verem partir H. Wissmann do Lualaba para o oriente em boas condições.

Encontraram ali Tippu Tib, e foi este, que sobre um cheque cobravel na Costa oriental, forneceu aos explorado-

res os supprimentos de que careciam, fazendo acompanhar o tenente Wissmann até uma estação no Tanganica.

Caxavalla acompanha H. Wissmann e foi com elle até Berlim, e o Dr. Pogge de regresso ao Lulúa encontrou uma boa casa e porções de terrenos lavradas ao uso de Ambaca e em que se via arroz produzindo em terreno de sequeiro como ali, tudo obra de Germano.

O Dr. P. Pogge conservou-se nesta casa, a que chamou Estação de Luluaburg, durante os annos de 1882 e 1883, e adoecendo por ultimo gravemente, encontrou sempre Germano a seu lado.

*
* *

Depois da partida da expedição do Dr. Pogge de Quimbundo para o Lubuco, Saturnino, já enfastiado por esperar debalde, que fossem carregadores de Malanje buscar o grande numero de cargas de borracha que tinha nos armazens, e não lhe apparecendo commercio algum, havia já mezes, entregou a sua feitoria a um empregado africano e partiu para Malanje.

Havia sustentado correspondencia com seu irmão para constituirem uma sociedade de exploração de marfim no Lubuco e convencido dos bons interesses que d'ahi podiam resultar viera a Malanje no intuito de fazer vingar o seu projecto.

Eu estava em Loanda, em fins do anno de 1881, quando ali chegou a noticia do projecto da exploração dos irmãos Machados e propuz então á Sociedade de Geographia que naquella cidade se havia organizado, o acompanhar a expedição dos irmãos Machados na intenção de fazer differentes estudos por conta da mesma Sociedade, de que então eu era secretario.

De janeiro a março de 1882 a Sociedade de Geographia manteve correspondencia com o negociante Custodio José de Sousa Machado a este respeito, e recorrendo-se ao antigo

Jornal Mercantil da cidade de Loanda, d'aquella epocha, se reconhecerão os grandes esforços por elles feitos para realisarem o seu projecto.

Preciso este facto como tenho precisado todos que se referem aos exploradores allemães, por que o capitão L. Bateman diz no seu livro, pag. 84, depois de mencionar que o tenente Wissmann atravessára o Continente muito para o norte do lago Muero, acrescenta:

«...regressando doente o Dr. Pogge, das terras dos Balubas a Malanje, em caminho para Loanda onde falleceu. No entretanto, o Sr. Saturnino, meio irmão do Sr. Custodio, entrando em sociedade com o Sr. Carvalho, determinaram estes partir na esteira da expedição, e, servindo-se d'ella como de uma guarda avançada, introduzirem uma quantidade importante de mercadorias no paiz dos Balubas, cujos recursos tinham sido exaggerados em Malanje pelos Quiôcos. Assim tentavam estabelecer uma estação permanente de negocio no interior, aproveitando a vantagem de serem os primeiros a entrar no paiz recentemente aberto. Partiram, por consequente, levando comsigo uma grande factura, representando um emprego de capital de uns poucos de milhares de libras esterlinas.»

Como A. Lopes de Carvalho estivesse endividado á casa de Custodio Machado e sem emprego, os irmãos Machados admitiram-no na sociedade para acompanhar Saturnino na exploração, tendo um terço nos lucros.

A expedição organisou-se em 1882, mas a idea d'ella datava de 1881, e partiu de Malanje em outubro de 1883 sendo 1:200 o numero de carregadores e maior ainda o numero de aggregados, Ambaquistas, Malanjes, etc., que iam trabalhar por sua conta e risco.

O itinerario percorrido foi inteiramente novo, não conhecido de europeus; seguiram a linha de N.E. ao Luangé, procurando um porto de passagem já fora dos dominios dos Bângalas, em terras dos Haris de que era potentado Mucto Anguimbo.

Saturnino entrando em terras dos Xinjes queria continuar no mesmo rumo, subindo as terras do Anzávo subdito do Muatiánvua, porém o caminho era inacessível para o transporte de cargas. Seguiu pois a E. até ao Cuengo onde voltou então a N.E. para passar o Lóvua ao norte do Caungula e d'ahi continuar directamente até ao Quicassa no Cassai.

O socio Carvalho, por uma carta que tenho d'elle, parece que se separára de Saturnino por conveniencia da sociedade, não no Luangue mas no Quicapa.

Tinha ido para o norte onde fôra mal succedido, suppondo-se mesmo durante algum tempo que estivesse perdido e a sua secção. Mais tarde appareceu nas terras dos Balubas, indo encontrar-se com Saturnino, o qual já estava estabelecido no Capueo, na margem do Muansangoma, tendo visitado Cabau, que reconheceu ser bom mercado para exploração de marfim, mas não para logar de residencia permanente, porque os povos Baquetes não lhe mereciam confiança como bons vizinhos.

Carvalho surpreendeu o seu socio e os Portuguezes africanos residentes no Lubuco, dando-lhes conhecimento de um povo novo entre o Luangue e o Cassai, que o recebêra mal e a que chamou Tucongos, não se devendo confundir com os Tucongos já conhecidos, na margem direita do Cassai e subditos do Muatiánvua.

A expedição de Machado e Carvalho passou o Cuango em dezembro de 1883; Saturnino estabeleceu-se na margem do Muansangoma, em fins de fevereiro de 1884; a expedição de H. Wissmann entrou em Malanje para organizar o seu pessoal de carregadores em janeiro de 1884, e foi depois de ter chegado esta expedição que entrou na villa de Malanje, numa rede, bastante doente, regressando do Lulúa, o infeliz Dr. Paul Pogge, com o seu fiel companheiro Germano. Seguiu depois para Loanda, onde foi morrer na vespera do dia em que devia embarcar para a Europa.

Obrioso tenente Wissmann, partindo de Berlim no intento

de organizar o seu pessoal de carregadores em Malanje e de se fornecer ali dos recursos que lhe eram necessários, quiz elle mesmo ser portador dos pagamentos de fornecimentos a credito á expedição Pogge feitos pela casa Machado e sobre a realisação dos quaes, até áquella data, tinham havido duvidas em diversas instancias. Teve auctorisação, além d'isso, para saldar todas as contas de quaesquer fornecimentos de que tivesse carecido o Dr. Pogge durante a sua longa permanencia no interior do Continente.

De 1883 a 1884 a nossa antiga alliada a Inglaterra — naturalmente porque desconfiava do que se preparava em Berlim de accordo com a Associação internacional belga — mostrou-se disposta a pôr termo, por um tratado com Portugal, a sua malfadada questão do Congo, e estavam-se discutindo entre os dois paizes as disposições d'esse tratado que já corriam impressas, e já a expedição Wissmann seguia nas aguas do Atlantico para Loanda.

Pela quantidade de armamento e munições de guerra com que esta expedição saiu da Allemanha, pela quantidade de gado bovino de que se forneceu em Malanje, e tendo ella por objectiva o Lubuco, era bem de suppor que o seu fim principal era outro que não o da sciencia; mas o que ninguém podia prever era a conferencia de Berlim e o seu desfecho. Eu a tempo preveni o nosso Governo ácerca dos amplos recursos d'esta expedição e do que d'isso se podia concluir, porém o que nunca imaginei foi que os exploradores allemães, abusando da hospitalidade e protecção portugueza, se aproveitassem da ignorancia da Europa, apresentando-se como exploradores de uma região que já estava explorada pelo nosso commercio, e a fizessem encorporar nesse grande Estado livre, em parte ficticio, do Congo.

Mas o facto está consummado e não é d'elle que tenho de occupar-me.

Ficou pois demonstrado que o capitão Bateman, na narração da sua viagem subindo o curso do Cassai, ou por não estar perfeitamente esclarecido, ou por brevidade, omittiu o

que ha de mais essencial, não só com respeito á organização do Lubuco, evolução que notou nos seus habitantes devida á influencia portugueza, valiosos serviços que aos exploradores allemães sempre prestaram os irmãos Machados e outros Portuguezes; mas tambem que a expedição da sociedade Machados & Carvalho se organisára e partira, sem que os socios ou pessoa alguma em Angola tivesse conhecimento:

1.º Que o arrojado explorador H. Wissmann voltaria depois da sua gloriosa travessia para organizar uma nova expedição ao Lubuco;

2.º Que o fim d'essa expedição, de accordo com H. Stanley, seria delimitar pelo sul, no centro do Continente, um Estado que já se intentava crear, absorvendo todos os povos que fosse possível sem contestação da Europa desprevenida, e em que o Zaire com a melhor parte das suas ramificações para o sul, fosse comprehendido;

3.º Que a Inglaterra, que estava tratando com Portugal de reconhecer os seus direitos ao Congo, fazendo-nos imposições que procuravamos suavisar, abandonasse o que lhe era favoravel para ceder não sei a que pressões allemães na conferencia de Berlim de 1885, e que o estado, que se imaginára, se tornasse uma realidade, comprehendendo povos que por todos os motivos deviam ser considerados Portuguezes, como os Balubas do Muquengue ou de Cácia Calamba, denominação aliás nova com que nos surprehende o capitão Bateman, que nunca ouvi ao fallecido Dr. Pogge, nem ao meu amigo Wissmann, nem aos Portuguezes africanos e outros muitos individuos indigenas do continente, que me fallaram a respeito do Lubuco e dos trabalhos que entre os Balubas e seus vizinhos iam emprehendendo os exploradores da expedição Wissmann e empregados do Estado Livre que lhe succederam; informações de que tenho de servir-me para o complemento d'este opusculo.

*
* *

A expedição Wissmann luctou com grandes difficuldades para organizar o seu pessoal de carregadores, por causa dos desfalques que tiveram os sobados proximos de Malanje com a saída de gente para a expedição dos irmãos Machados. Só poudo partir em meados de julho de 1884 e entrou na Estação do Luhnaburg em novembro d'esse anno.

Saturnino Machado, quando soube da chegada da expedição, saiu immediatamente de sua casa, tendo de fazer uma viagem de tres dias, e foi offerceer os seus serviços ao seu antigo hospede e amigo o tenente Wissmann e felicitá-lo não só pela sua gloriosa travessia, mas ainda por ter voltado áquelle sitio com saude e sem difficuldade. Por vezes teve occasião de lhe ser prestavel e aos seus companheiros.

O tenente Wissmann conhecia bem Saturnino Machado e d'elle me fallou sempre como de um homem que se estima e considera, fazendo os mais rasgados elogios ao seu caracter, apreciando a sua infatigavel actividade e o modo como elle tratava os indigenas com quem convivia.

Saturnino Machado não contava demorar-se muito tempo na sua exploração e suppoz poder percorrer todos os mercados de marfim entre os Balubas em seis mezes e realisar a transacção de toda a sua factura, como o conseguira Silva Porto, embora tivesse de trabalhar de dia e parte da noite, porque os Bacubas que traziam o marfim do norte não queriam demorar-se. Saturnino Machado conhecia bem a gente de Malanje com quem lidava e sabia não poder contar com ella mais do que para o serviço de viagem, o maximo seis mezes, pois em regra desejam chegar ás suas habitações antes da epocha das grandes chuvas para prepararem as terras que querem lavrar. Por isto contratára tambem gente da Jinga.

Os contratos foram feitos perante a auctoridade administrativa do concelho de Malanje, estando presentes os sobas

que garantiram o cumprimento dos contratos pelos seus subditos. Receberam por conta do salario estipulado um adiantamento igual ao preço da viagem ajustada com os Malanjes, e em todo o tempo d'ella tiveram rações a par d'estes, isto é, uma porção de fazenda, missanga, etc., para um certo numero de dias a fim de comprarem provisões. Os Jingas comprometteram-se a acompanhar os socios em todo o tempo da sua exploração, devendo apresentar-se em Malanje com um d'elles para serem pagos em casa de Custodio Machado, ou então apresentarem-se com provas de que ambos elles tivessem morrido. Custodio Machado representava a sociedade em Malanje e responsabilisava-se pelos pagamentos para com os sobas nas condições estipuladas. Os sobas responsabilisavam-se pelo cumprimento dos contratos e a fazer embolsar a sociedade dos roubos e outros prejuizos causados pelos individuos que tinham apresentado.

Respeitaram-se os usos indigenas e as leis portuguezas no que respeita a contratos com homens livres. Ha povos como os Quiôcos e os Bienes em que se faz mais, o individuo contratado tem a sua vida reputada num certo valor na tribu, de modo que morrendo em serviço da pessoa que o contratou, esta já sabe que tem de pagar ao potentado o valor d'aquella vida, e Silva Porto infelizmente conhece bem este uso dos seus vizinhos.

O periodo de tempo de serviço estava definido: desde a saída de Malanje até ao seu regresso com algum dos socios, ou antes se infelizmente ambos fallecessem e o soba garantia o estipulado segundo os usos da sua tribu. Os contratos feitos pelos exploradores allemães foram sempre realizados do mesmo modo e ninguem pode dizer que uns e outros não sejam legaes entre povos livres.

Ninguem tambem pode duvidar que o interesse da sociedade, seria o de effectuar a transacção da sua fazenda no menor tempo possivel e quanto maior fosse a delonga maior seria a despesa com a manutenção d'aquelle pessoal assim contratado.

A sociedade que antes da chegada da expedição Wissmann ao Lubuco conseguira transaccionar uma grande parte da sua factura, viu-se depois em muitas difficuldades para negociar o resto pelos motivos que exporei mais adiante.

Decorriam mezes para se fazer uma simples transacção e era preciso que os socios saíssem em excursões a pontos onde ainda não chegára a influencia dos artigos de commercio espalhados pela Expedição allemã.

A 7 de novembro de 1885 chegou o capitão Charles Somerville Latrobe Bateman á confluencia do Luebo com o Lulúa, onde fez construir a Estação do Luebo que ficava a seu cargo. A. Lopes de Carvalho trocou correspondencia com este official relativamente ao transporte d'uma porção de marfim da sociedade pela via fluvial até á costa por Leopoldville, e por causa d'este assumpto saiu Saturnino de Capuco e foi ao Luebo procurar o Sr. Bateman, segundo este em mau dia por se achar incommodado com febres. Pela sua narração calculo ter sido isto num dos ultimos dias de março de 1886.

Aproveitou Saturnino Machado a occasião para se queixar dos Baquetes vizinhos da Estação que tinham tentado roubá-lo, sobre o que pediu providencias que o Sr. Bateman entendeu não dever dar, apreciando mal a queixa de Saturnino, mostrando-se até satisfeito no seu livro pelo seu procedimento, por não ter lesado os interesses do Estado. É este um assumpto em que não posso entrar, o que devéras sinto, mas estou certo que o proprio Saturnino Machado lhe responderá mais cedo ou mais tarde quando regressar.

Nesta mesma visita o capitão Bateman, como chefe da estação do Luebo, tendo necessidade de fazendas e buzios para distribuir em rações ao seu pessoal, pediu a Saturnino para lhe fornecer uma certa quantidade d'estes objectos, e como este se promptificasse a ceder-lh'os mas não se responsabilisasse em que elles chegassem intactos ao seu poder por causa dos Baquetes, entendeu o chefe do Luebo fazê-lo acompanhar por seis Zanzibaritas e um cabo para escoltarem as cargas que Saturnino ficára de enviar.

É sobre este ponto que eu pretendo chamar a attenção dos leitores, porque tem relação com os contratos a que me referi, e por que se põe em evidencia o procedimento do chefe d'aquella estação do Estado do Congo, mostrando-se ainda como esta auctoridade, com falta de recursos no sertão, agradece a quem lh'os proporciona, defaleando-se para o seu commercio, e não por preços exorbitantes como o sr. Bateman com malquerença allega, pois estas fazendas, tendo sido obtidas em Malanje vinham sobrecarregados com direitos e carretos, sendo portanto mais caras que as que se poderiam obter no Estado Livre.

Diz o capitão Bateman no seu livro a pag. 89 e 90:

« Na sua jornada de regresso, elles (os Zanzibaritas) escoltaram um certo numero de Jingas do Sr. Saturnino que conduziam as fazendas que eu lhe comprára.

« Esta pobre gente ao ver a vida muito mais feliz que a nossa gente levava, recusaram-se absolutamente a voltar para o seu patrão, e instaram para entrarem ao serviço do Estado. Constando isto aos compatriotas d'elles que estavam ainda ao serviço do Sr. Saturnino, estes pela maior parte immediatamente o abandonaram, vindo ter commigo, de sorte que, como eu da melhor vontade os alistei, vi elevar-se a minha força a cerca de cem homens. Estes factos, de que eu dei immediata noticia ao Sr. Saturnino puzeram-nos de novo em relações, e em consequencia d'isso fui procurado pelo socio o Sr. Carvalho em disposições pouco amaveis.

« Allegou elle que não só os Jingas, que eu alistára, lhes estavam endividados por furtos de fazenda commettidos por varias vezes, mas que elles estavam obrigados por um contrato, feito perante a auctoridade competente de Malanje em devida forma, em virtude do qual tinham de estar ao seu serviço duraute um praso de tempo indefinido por uma remuneração que se estipulára, que só seria paga no seu regresso a Angola, e por fornecimento de rações que lhe seriam distribuidas de tempos a tempos, e apresentou documentos para comprovar as suas reclamações. O que elle *não* disse foi

que o soba d'estes homens os tinha de facto vendido ao Sr. Saturnino, porque elle tinha ajustado que nenhuma da sua gente que entrava ao serviço da sociedade poderia voltar ás suas casas a não ser acompanhado por um ou outro dos seus patrões, ou sem trazer prova da sua morte, e que no caso de qualquer dos Jingas voltar de outra forma deveria ser mui severamente punido, de facto posto á morte. (!!!)

«Por outro lado eu expliquei ao Sr. Carvalho, e demonstrei-lhe por provas documentadas, que as leis do Estado do Congo não reconheciam como obrigatorios os contratos feitos por «terceiros», porque qualquer pessoa, para ficar pessoal e individualmente ligado por um contrato, devia pessoal e individualmente dar o seu consentimento, e nesse presuppuesto devia entendê-lo e estar perfeitamente inteirado de todas as condições do dito contrato.

«Fiz com que os homens fossem interrogados sobre o assumpto, e reconheci, que com toda a certeza elles se não tinham comprometido pelo contrato, e que sendo todos homens livres, e não escravos (alguns d'elles eram mesmo pequenos chefes), o seu soba tinha procedido *ultra vires* contratando-os. E averigui ao mesmo tempo os casos de furtos, alguns dos quaes os Jingas confessaram.

«Informei por conseguinte o Sr. Saturnino, que, excepto alguns individuos, que expressamente elle me pediu que não engajasse, e que eu lhe remetti, estava resolvido a conservar os Jingas alistados e a reservar na minha mão, do seu salario, o total dos seus debitos a elle Machado, pelo que lhe passei um cheque.»

Vejamos ainda como o capitão Bateman termina as suas considerações sobre o acto irregular que praticou!

«Tenho toda a razão para crer que o negociante ficou tão descontente com este ajuste final quanto eu fiquei satisfeito, porque os Jingas, quasi sem excepção, provaram-me depois serem excellentes trabalhadores e gente de confiança.»

Em linguagem commum, isto revela da parte do sr. Bateman um grande desembaraço, para lhe não dar outro nome.

Na verdade custa a crer na excessiva prudencia de Saturnino Machado; é preciso que elle estivesse já muito fatigado, avelhentado e desgostoso com os resultados provaveis da sua exploração para se não revoltar contra semelhante procedimento.

Aos distinctos exploradores, a todos os viajantes que por qualquer circumstancia teem andado no centro da Africa, aos proprietarios agricolas de qualquer colonia, mesmo no littoral africano, perguntâmos o que fariam se alguém fosse desinquietar os seus serviçaes contratados, a troco de uma qualquer differença ou vantagem que lhe offerecesse sobre os seus contratos.

Pois então os contratos com homens livres, lavrados perante as auctoridades do seu paiz, porque o periodo da duração do contrato está dependente do fim para que se contrataram, podem ser inutilizados por uma auctoridade de paiz estranho e que se diz amigo!?

Em primeiro logar quando o Estado Livre se apoderou do Lubuco ou tinha de garantir a segurança de vidas, bens e contratos dos Portuguezes que ali estivessem estabelecidos como subditos de uma nação amiga, ou então preveni-los para retirarem immediatamente quando se não sujeitassem ás imposições a que se pretendesse obrigá-los.

Em segundo logar, os contratos de que se trata eram feitos com homens livres não só estranhos ao paiz, mas ainda mais subditos de Portugal e legalizados pelas auctoridades do seu governo em Angola e das tribus a que os contratados pertenciam.

Em terceiro logar, se um caso de força maior não previsto nos codigos civilizados, obrigasse o capitão Bateman a tomar a deliberação que tomou no interesse da humanidade, podia ter justificação se mandasse apresentar os seus protegidos nas terras de que eram naturaes, ás suas auctoridades; mas nunca alistando-os ao serviço do Estado Livre, — o qual diga-se de passagem, não obstante a melhor vida que se levava no Luebo não tentou ninguem das tribus vi-

zinhas a alistar-se — e vangloriar-se e bater as palmas de contente por que ficon d'ahi em deante com o seu magro pessoal elevado quasi á força de cem homens, gente excellente e verdadeiros trabalhadores!!

E os novos contratos feitos pelo capitão Bateman com os Jingas quando terminarão?

Deixaram de ser contratados os poucos que Saturnino Machado pediu e não comprehendeu o Sr. Bateman a razão do pedido?

Com esses homens vae a sociedade justificar-se perante as auctoridades da quebra de contratos dos individuos que se alistaram ao serviço do Estado Livre e fazer valer os seus direitos para haver damnos e prejuizos pela sua rescisão forçada promovida pelo chefe da estação do Luebo.

Infelizmente toda a correspondencia de Saturnino Machado relativa a 1886, na qual elle relatava este acontecimento e se tratava dos negocios da sociedade, nunca chegou ao seu destino, o que elle estranha nas suas cartas de 1887 que eu tenho em meu poder.

*
* *

Entro agora num assumpto que tratei com certo desenvolvimento na carta a que já me referi e para o qual chamei a attenção de Sua Magestade o Rei dos Belgas. Extractarei d'ella os seguintes periodos:

«Parmi les Tchilangues on vend aussi des êtres humains pour du sel, et les caravanes qui vont au Loubouko, entre le Cassaï et le Louloua pour le commercee lieite de l'ivoire et du caoutchoue, doivent d'abord se munir de nègres, car sans eux elles n'y feraient aucune transaction.»

.....
«Les *Bana riamba* ou *Bana moïo*.....
achètent, en dehors de la tribu, des femmes pour faire ces services et des garçons pour les travaux du labourage, de

transports et autres. Outre les gens qu'ils se procurent à cet effet, ils en ont aussi besoin pour l'achat de l'ivoire qu'ils se procurent dans le nord. »

« Ils acceptent en échange de l'ivoire seulement des fusils, de la poudre, des verroteries, des coquillages, et au moins un jeune homme ou une jeune fille. »

« Les noirs qu'on obtient dans toute cette contrée, sous la qualification d'*esclaves*, sont vendus dans les territoires de l'État Indépendant du Congo, au trafiquant Tippu Tib et à ses compagnons, qui sont sous la protection du dit État, comme de bons et généreux alliés; les noirs achetés, les mains liées et la chaîne au cou, sont conduits, par des chemins que les trafiquants connaissent et qui ont déjà pris leurs noms, à la côte orientale, et de là ils suivent la destination qu'on veut bien leur donner. »

« Les expéditions allemandes qui en 1875, 1877 et 1880 se trouvaient à Lounda, la première et la dernière dans la Moussoumba du Mouatianvoua, pour pouvoir franchir cette contrée, durent respecter les usages et les habitudes des peuples, accepter les cadeaux, qu'on leur faisait de nègres et de les adjoindre dans les caravanes à leur service. »

« Ces cadeaux leur étaient faits pour qu'ils pussent obtenir des compensations de la part d'autres peuples en articles de commerce, ce moyen étant le seul par lequel ils pouvaient se les procurer. »

« Je veux dire par là, que ces expéditions durent profiter d'un usage établi pour pouvoir avancer dans ce pays, sans quoi elles auraient dû rebrousser chemin, ne pouvant même pas trouver des aliments, puisqu'on ne leur en vendrait qu'à ce prix. »

« L'État Indépendant du Congo, pour pouvoir se main-

tenir, ainsi que les expéditions scientifiques et commerciales pour atteindre leur but à travers la contrée centrale du continent; et les différentes stations civilisatrices européennes à l'occident, pour pouvoir suivre leur marche, ont dû accepter la vente des noirs comme une institution sociale des habitants de ces contrées, et les nouvelles associations humanitaires ainsi que tous ceux qui prétendent coopérer à l'organisation et à la régénération des indigènes ne peuvent le faire qu'en se servant de ce moyen.»

«Peut-on éviter que le commerce pénètre au centre du continent? Non. Eh bien, quelque insignifiant que soit ce commerce, il y donnera de nouvelles forces à cette institution.»

Este uso não foi iniciado pelos negociantes Portuguezes S. Machado e L. de Carvalho no Lubuco ou em outra qualquer ponto, como o leitor poderia ser levado a acreditar lendo o que o capitão Bateman diz no seu livro, por exemplo, a pags. 84 e 85.

«Trataram de se estabelecer no Muansangoma, onde construíram uma casa em parte para armazem e em parte para morada, e continuaram a fazer negocio com os naturaes com varia fortuna.

«O seu negocio, especie de trafico disfarçado de escravos, explicá-lo-hei:

«Vendo que lhes era impossivel obterem marfim dos Bacubas e Baquetes sem darem escravos em troca, compravam aos Balubas escravos d'esta raça ou de raças affins dando por elles fazenda, a qual para os Bacubas não tinha valor, por isso que as suas manufacturas indigenas li'a suppriam em quantidade mais que sufficiente para as suas necessidades.»

E mais adeante:

«Os escravos assim obtidos passavam-os aos Bacubas ou Baquetes, juntamente com outras mercadorias em troca por marfim.

«Como amostra do valor dado e recebido, transereverei a seguinte nota original e autentica que tenho em meu poder.

«Em troca de uma (sic) («apunta avariada custou o' seguinte) o sr. Carvalho deu:

Duas nymphas.

Cinqua cruzetas de cobra.

Cinqua mil buzio.

Duas centos bagos de almandrilha.»

E que semelhante uso não agradava a Saturnino Machado, prova-se com os trechos de uma sua carta muito interessante que tenho em meu poder datada do Lubuco em dezembro de 1887, a que julgo conveniente dar publicidade, porque tambem por ella se conhecem os motivos da demora na transacção da sua factura.

«Depois da chegada da expedição Wissmann ao Lubuco.

.....
«O paiz mudou inteiramente; subiram de valor todos os artigos, tanto de negocio como de viveres; a fazenda espalhou-se por toda a parte com profusão; a borracha que se vendia por preços extremamente baratos, hoje está pelo triplo, e presentemente apparece pouca; o marfim tornou-se raridade e o que apparece vende-se por preços elevados e não convem em qualquer mercado da provincia de Angola.

«As caravanas de Quiôcos, Bângalas e Malanjes são quasi diarias. Hoje estão neste paiz para cima de duas mil pessoas d'estas procedencias, que são verdadeiros enxames que invadem todo o territorio do Lubuco, não deixando uma bola de borracha, nem um *escravo*. Devemos porém concordar, que não são estas caravanas que fazem damno ao commercio licito; compram e mal, fazendo negocios sem calculo nem medida, porém levam a borracha para os mercados da provincia e os *escravos* ficam com elles para os seus trabalhos.

«O que é summamente mau, dammoso e terrivel, são as caravanas de Bienes, que desembarcam em Cabau vindos pelo oriente. Estas, sim, são uma praga, enfim um verda-

deiro flagello. É devido a ellas que estamos fazendo conhecimento com a miseria, e soffrendo gravissimos prejuizos.

«Temos feito diversas viagens a Cabau, a ultima em maio, e de todas temos tido a desgraça de encontrar este flagello, obrigando-nos a retirar com as mercadorias por ser impossivel fazer negocio em concorrência com traficantes de carne humana.

«Estes bandidos não levam para Cabau um busio, nem um bago de missanga; o unico artigo que levam para a troca por marfim são *numerosas levas de escravos*, que vendem aos Bacubas por preços desgraçados.

«Para fazer idea d'este pessimo negocio é sufficiente dizer que dão por uma pequena ponta de quatro libras de peso, um escravo; de dez, dois; de vinte, seis; de trinta, dez; por uma de cincoenta a sessenta, vinte; e finalmente deram *quarenta e cinco escravos* por um dente que pesava noventa e duas libras!!!

«A primeira vista parece incrivel que isto se faça; porém, com mágua o digo, é uma triste verdade!

«Os Bacubas, enquanto tem negocios d'estes, não vendem o seu marfim por artigos de negocio licito, e quando o vendem, exigem em busio o equivalente ao valor de *escravos*.

«Ora em Cabau o preço de um escravo são cinco mil bagos de busios, preço fixo em todo o paiz, de forma que quem quizer comprar a ponta igual á vendida por *quarenta e cinco escravos* tem de dar duzentos e vinte cinco mil busios, que equivale a 225 kilogrammas! O preço d'este artigo, vindo de Malanje, fica em Cabau a 700 réis o kilogramma, e a compra da ponta seria em réis por 157\$500.

«Por aqui se vê como hoje está o negocio do marfim, devido ao traficantes da carne humana!

«Dirão agora, como é possivel que os Bienes possam dar um numero tão avultado de *escravos* por uma ponta de marfim.

«A rasão é muito simples, e vou explicá-la porque fui testemunha ocular de uma d'essas transacções na viagem que

fiz ás bacias de Sancoro e Lumámi, aonde encontrei uma cafila de Cangombes. Esta gente saiu do Bié e veiu a Catema, no Dilolo, d'ahi atravessaram o paiz entre Samba e o Muatiãnvua até ao Canhúca. Atravessaram depois o Lubiláxi para a margem direita, no paiz dos Balongos, onde principiaram a comprar escravos. Percorrem o extenso paiz dos cannibaes, entre o Lubiláxi e o Lumámi, comprando escravos ao Lupungo, Sapo-Sapo e outros potentados, vendendo um barril com um kilogramma de polvora ou uma arma lazarina por cinco *escravos*, quatro jardas de fazenda por um, etc. Descem com o curso do Sancoro até aos Bassangos, passando o rio para a margem esquerda, entrando em Cabau, onde fazem substituir o negocio licito pelo seu de escravos, que compraram baratissimos.

«Foi em novembro de 1886 que encontrei no Sapo-Sapo tres caravanas de taes cafilas que seguiam para Cabau, levando um numero superior a *oitocentos escravos!!!* Escravos vendidos por marfim, pelos preços que lhe custaram, deixalhes um lucro espantoso!

«Fiz ver isto ao sr. Barão de Macar, chefe politico do districto, e disse-lhe não ser possivel estarmos perdendo os nossos interesses, não podendo fazer negocio licito ao pé de taes concorrentes, e se não podia pôr cobro a esse estado de cousas, reprimindo energicamente os vendilhões de carne humana, collocava-me na dura necessidade de arranjar forças para eu mesmo destruir os escravistas.

«Cavalheiro, como é, mostrou-se muito sentido, mas nada pode fazer, porque a estação do Luluaburg não tem um unico homem que sirva para pegar numa arma, e a estação do Luebo, que está a 20 kilometros de Cabau, tem apenas seis Zanzibaritas, que são impotentes para castigar uma caravana de Bienes, formidavelmente armados e bem municiados.

«Faz-se commercio de *escravos*, vendendo-se ás centenas, a quatro horas de marcha da estação do Luebo, não podendo obstar a este commercio o pessoal do Estado Independente que se assenhoreou do paiz!»

A necessidade de se sujeitar aos usos estabelecidos obrigou Lopes de Carvalho a servir-se de gente que se vendia e que é a moeda corrente no paiz para obter marfim; contra esta dura necessidade é que se revoltou S. Machado queixando-se e pedindo providencias ao chefe do districto de Lu-luaburg, e a nota que o capitão Bateman diz ter em seu poder e que lhe confiou Lopes de Carvalho, de quem se confessa amigo, não tem mais importancia do que o que me contou o explorador Wissmann em julho de 1884, que na sua primeira viagem ao Lubuco, ainda lá não estava Saturnino Machado, se vendiam formosas raparigas por uma espingarda lazarina (3 chelins).

O grande obstaculo ao commercio licito acha-se expresso nas queixas justificadas dos consules Franceez e Hollandez aos seus governos, de que o Estado do Congo está fazendo commercio em grande escala e em condições altamente desvantajosas para os interesses dos particulares que ali tem feitorias e para os que exploram o commercio d'aquella região; e o que é muito peor ainda é o que declaram os mesmos consules, e que se acha corroborado pelas informações que tenho dos indigenas que haviam regressado do Lubuco, a saber: que sob o mais futil pretexto os agentes do Estado Livre movem guerras a varias tribus indigenas, atacam povoações onde fazem prisioneiros, que depois entregam ou vendem a troco de marfim!

De uma outra carta de Saturnino Machado, datada tambem de 1887, extrahimos o que comprova em parte os factos citados:

• Os artigos de permutação facturados em Malanje, á razão de 2\$000 réis, vendem-se no Luebo a 225 réis!

• Os buzios, o principal artigo para o negocio de marfim com os Bacubas (quando não se offerecem escravos), e que em Malanje se vendem a 6\$500 réis a arroba, e chegam ao Luebo onerados de modo a não se poderem vender por menos de 10\$000 réis, estão-se vendendo no estado do Congo a 4\$500 réis por dez mil bagos, que é mais de uma arroba!

«Isto é devido não só á facilidade de transportes, como á differença de fretes maritimos e impostos aduaneiros.

«Que vantagens podem ter pelo negocio licito as caravanas de commercio que da nossa provincia nos ultimos quinze annos, principalmente de Malanje e proximidades, concorriam aos mercados de Lubuco, se vem aqui encontrar melhores mercadorias do que podem trazer, ou as similares, por preços quasi 50 % mais baratos, quando o nãofor ainda mais do que aquelles por que os obtiveram em Malanje?

«A casa Sanford, da companhia americana que se propõe construir o caminho de ferro de Vivi a Leopoldville, para se certificar se haverá movimento sufficiente de commercio que alimente esse caminho, estabeleceu nas estações do Estado, mediante certas condições, artigos de commercio para a compra de marfim e borracha, e o sr. Legat, no Lubo, nos mezes de junho e agosto, comprou para cima de 1:000 kilogrammas de marfim e 4:000 de borracha; sendo esta vendida por Portuguezes de Angola, que por aqui estão fazendo os seus *reviros*. Os preços dos artigos da troca são pelos do custo e despezas; os preços da borracha 3 *pence* por libra (peso), e o do marfim, qualquer que seja a sua lotação, 2 *shillings* por libra.

«Como o fim d'esta companhia é simplesmente conhecer do movimento commercial, não admira que faça taes negocios. Mas vamos lá agora competir com ella!

«O percurso d'aqui até Leopoldville é de mais de 600 milhas, e o lucro é de 1 *penny* por 2 kilogrammas de marfim. Por quanto irão estes homens vender o seu marfim nos mercados europeus?

«Agora uma nova companhia, denominada *Compagnie du Congo pour le commerce et l'industrie*, propõe-se a navegar em todos os afluentes do Cuango onde vae fazer negocio. Não estabelece feitorias, o commercio é feito a bordo dos seus vapores especiaes.

«Em vista dos projectos d'esta companhia, o que pode esperar no futuro o commercio de leste de Loanda?

«A embocadura do Cassai calcula-se estar no 3° 14' 4" de lat. S. do Equador, e entre esta e a foz dizem existir um afluente, que vem da nossa provincia e que é navegavel até certa altura. O Cuango é navegavel até quasi ás portas de Malanje, e o Cuilo e Luangue pensa-se que tambem se prestam á navegação para lanchas a vapor. O Cassai é navegavel desde a foz até ao Peinde. E tudo isto aproveitado pelo Estado Independente, não redundando em prejuizo da região norte de toda a nossa provincia de Angola?

«A lingua que se falla nas estações é a Portugueza; outra qualquer difficilmente seria entendida, por serem os Portuguezes que desbravaram este paiz ha mais de vinte annos, onde o seu elemento se encontra espalhado por toda esta região.

«Devido a esta feliz circumstancia é que Wissmann e seus companheiros se apossaram do Lubuco sem a menor opposição.

«Para se conhecer o elemento portuguez neste paiz é bastante dizer que as caravanas de pequenos commerciantes que vem de Angola, aqui chegam quasi semanalmente. Toda a borracha que presentemente se exporta por Loanda, sae d'aqui levada por Quiôcos, Bângalas e gente de Malanje e Pungo Andongo, e tambem os Cangombes a levam para Benguella. Isto pode dizer-se durante os ultimos dez annos, porque da região da Lunda pouca borracha tem apparecido neste periodo.

«Porém no Lubuco succede o mesmo que á Lunda; as suas florestas estão quasi completamente extinctas. As comitivas que ultimamente teem chegado estão vendendo as suas mercadorias por menos de metade dos preços aqui estabelecidos, e ainda assim muitos não logram vender os seus artigos por causa das Estações.

«Ainda antes da chegada da expedição de H. Wissmann uma arma ou um barril de kilogramma de polvora equivalia a mil bolas de borracha; actualmente uma arma equivale a quatrocentas, e o barril a trezentas; um boi ou vacca, que se

vendia por doze mil bolas, presentemente só o accitam por quatro mil. Ainda ha pouco mil bolas pesavam, pouco mais ou menos, 40 kilogrammas, agora nem chegam ao peso de 30.

As committivas que encontrei no meu transito, regressando do Lubuco, diziam: que os *inguerêzes* (para ellas os allemães e demais europeus ao serviço do Estado Livre todos eram *inguerêzes*) armaram primeiro os rapazes que levaram de Malanje, e depois os Balubas, e faziam fogo aos Bachilangues que não queriam sujeitar-se a pagar tributos ao Muquengue; que levavam gente amarrada a quem só permittiam resgate por marfim, ou então a entregavam ao Muquengue, que a mandava para os Bacubas e d'este recebia marfim que dava aos *inguerêzes*.

Muitas d'essas committivas se me apresentaram em completo estado de nudez e esfomeadas, queixando-se que, regressando com as suas cargas de borracha do Lubuco, haviam sido roubadas pelos Bachilangues da margem do Cassai, para com esses roubos se pagarem de prejuizos e roubos feitos pelos Malanjes e Balubas, armados com as armas dos amigos do Muquengue.

Outras, que traziam gente, diziam tê-la comprado aos soldados e carregadores dos *inguerêzes*, porque tinham precisão de sal e fazenda, e os *inguerêzes* só pagavam em escravos.

Ainda algumas, finalmente, levavam gado bovino e cargas para o Muquengue dar aos seus amigos *inguerêzes* e que este lhes pagava em gente, de que ellas careciam.

O Sr. Latrobe Bateman decerto não esperava que alguém em Portugal estivesse tão bem informado sobre a região dos Balubas do Muquengue e tão promptamente pudesse mostrar ao mundo civilisado quanto foi parcial e leviano nas suas referencias aos Portuguezes, que já ali encontrou estabelecidos.

*
* *

Saturnino Machado, depois do agradecimento bizarro que teve do chefe da estação do Luebo, por lhe ter abonado os supprimentos para rações do seu pessoal, ficando-lhe não só com os carregadores que lh'os levaram, mas ainda com os seus companheiros que atraz d'aquelles para lá foram acoutar-se, e aos quaes pagou rações com fazenda fornecida pelo mesmo Saturnino; ainda assim, esta victima de seu magnanimo coração ou da sua philosophia, como dizem os seus amigos em Malanje, poucos dias depois, em abril, quando regressou H. Wissmann da Madeira ao Lubuco, promptamente satisfez ao pedido d'este incansavel explorador mandando novos supprimentos para as estações de Luluaburg e do Luebo! E note-se que elle procedia assim quando estava luctando com a concorrência de artigos introduzidos pelo Estado Livre no Lubuco, com um abatimento de 50 por cento em relação aos similares que elle levava, sendo alguns até de melhor qualidade.

Só em 1887 apresentou Saturnino Machado o saque da expedição Wissmann para lhe ser pago, e, havendo duvidas no Congo em o satisfazer, a pedido de Custodio Machado, escrevi em 1888, ao explorador Wissmann, em Berlim, para que se dignasse dizer-me onde e quando o saque podia ser pago, e como este official tivesse saído de Berlim, em uma nova commissão, agora com character militar do seu governo, respondeu-me um dos Administradores que era indispensavel que o Sr. Saturnino Machado enviasse uma factura dos generos que havia fornecido para então ser paga a importancia em debito. Foi a resposta que mandei a Custodio Machado, já no principio do anno corrente.

Fôra preciso na primeira viagem do explorador Wissmann, que elle fizesse a sua gloriosa travessia e voltasse segunda vez a Malanje, para serem pagos os creditos em debito da sua expedição, e agora a demora faz erer que se espera que

o digno explorador volte terceira vez a Malanje para se ultimar o negocio!

E tornam-se estes factos do dominio publico, não por reclamações d'aquelles Portuguezes hospitaleiros e amaveis, mas para estabelecer o confronto do seu procedimento com o dos delegados do Estado Livre que, servindo-se do seu prestimo, ainda os apresentam ao publico, como o fez o capitão Bateman no seu capitulo vi, de um modo tão pouco lisonjeiro.

*

* * *

É occasião de lembrar que Antonio Lopes de Carvalho, por quem o Sr. capitão Latrobe Bateman manifesta certa parcialidade, inclusivamente se prestou a substitui-lo durante as suas ausencias na administração da estação do Luebo, na vizinhança da qual elle fôra residir temporariamente para vigiar a construcção de grandes canoas para o serviço da sociedade.

Não occulta o capitão Bateman o seu reconhecimento por este e outros serviços importantes, pois até Lopes de Carvalho arriscára a sua vida acompanhando-o em excursões perigosas. Aprecia mesmo os ajuizados conselhos que pela sua experiencia por vezes podia dar sobre o modo de proceder com os indigenas, e a intima convivencia que com elle teve nos ultimos oito mezes que permaneceu no Luebo.

Pois nem este antigo empregado e agora socio da casa Machado, nem o Portuguez africano Caxavalla, tambem antigo empregado dos irmãos Machados, o *gentleman*, o leal interprete que mereceu os encomios do capitão Bateman, nem tão pouco os exploradores allemães que encontrou durante o tempo da sua missão esclareceriam o chefe da estação do Luebo acerca do modo de negociar no paiz dos Balubas, Baquetes, Bacubas e Bassongos entre os quaes se não faziam compras de marfim sem se apresentar gente nas trocas e que esta é procurada entre os Bacubas, e os Bassongos, pelos Arabes para escravos, que se levam para o Oriente? Os Bie-

nos que lá foram no seu tempo á compra de marfim deram-lhe uma prova que esse *slave-dealing* não era novidade, sendo até muito frequente. O barão de Macar, que elle deixou no Lulnaburg e M. Legat, que o foi substituir no Luebo são testemunhas insuspeitas para o capitão Bateman e as gazivas que os Quiôcos fizeram nas terras dos Lundas de 1886 a 1888 lá foram vendidas aos Bacubas, sem que para isso concorressem os Portuguezes da Europa e os Portuguezes africanos que viviam no Lubuco.

*

* *

O capitão Bateman, antes de entregar o cargo ao seu successor M. Legat, diz que foi obrigado a fazer castigar com a pena de dois annos de trabalhos forçados num pontão, por trafico de escravatura e por abuso de confiança o nativo de Angola João Domingos, que fallava e escrevia a lingua portugueza, e ao qual tinha confiado a guarda de um rebanho de cabras pertencente á Estação do Luebo.

Tambem este procedimento não deixa de ser arbitrario. Os habitantes do Lubuco ou a gente que ali se foi estabelecer não reconhecia como legaes senão o poder das suas auctoridades e os seus usos e costumes.

O mais regular seria, ou a expulsão d'aquelle individuo do paiz, ou então a entrega d'elle ás auctoridades portuguezas no Congo, com quem o primeiro funcionario do Estado Livre está em relações constantes.

Eu não sei qual será o fim de João Domingos, mas conheço um outro caso que se deu com um Portuguez africano, de appellido Santos, que foi contratado em Malanje pelo explorador Wissmann para o serviço da sua expedição, e por elle foi recommendado para ficar empregado n'uma Estação, em que Santos teve um triste fim!

Santos separava dois gentios que luctavam, e naturalmente empurrára um d'estes, que era mais renitente, e, como este crescesse para elle, deu-lhe uma bofetada. Isto foi bastante,

o que me não admira, para os companheiros do offendido tomarem o seu partido, e logo amarrassem Santos, e o espancassem e ferissem.

Havia procedido Santos como empregado da Estação, querendo chamar á ordem os desordeiros, que eram serviçaes que elle vigiava, pois o Sr. de Macar, chefe do districto, entendeu dever retê-lo numa cadeia tres dias, e taes foram as exigencias dos gentios, que lh'o entregou, sendo por elles queimado vivo!

Creio bem que em circumstancias muito criticas se encontrou o Barão de Macar para entregar aquelle infeliz, e que nunca se persuadiu lhe dessem esse fim; porém, este empregado do Estado Livre até á data das ultimas noticias que tenho do Lubuco tinha constantemente dado provas de muito rancor contra os Portuguezes, e se pudesse repelliria todas as caravanas que de Angola se encaminham para os Balubas.

O Dr. Summers, da missão do bispo Taylor estabelecida em Malanje, naturalisára-se Portuguez e, com recursos que lhe proporcionou o conhecido negociante Nareiso Antonio Paschoal, organisou uma caravana para ir missionar no Lubuco que era o seu mais ardente desejo.

Entrou no Lubuco com a bandeira portugueza á frente da sua caravana, seguindo o itinerario da minha expedição até ao Cuengo, facilitando por toda a parte essa bandeira e os interpretes conhecidos por filhos de Muene Puto a passagem ao illustrado missionario. Pois o Sr. de Macar censurou-o asperamente por ter hasteado aquella bandeira e não consentiu que elle entrasse em exercicio das suas funcções.

Entre outras amabilidades com que aquelle cavalheiro mimoseou o Dr. Summers, registo apenas esta, porquanto o bondoso missionario infelizmente já não pode corroborar o que eu escrevesse: — que não gostou de o ver com a bandeira portugueza, por que todos os Portuguezes eram uns bichos e uns ladrões.

Ora este ultimo epitheto cabe bem áquelles que teem illudido o bondoso e estimavel Rei Leopoldo II desfalcando

a sua bella fortuna, garantindo-lhe lucros com marfim que obtem a troco das vidas que arrebatam ás povoações gentílicas a pretexto de tributos para o Muquengue, uma especie de testa de ferro que lhes querem impor.

Cabe bem aos que malbaratam o dinheiro d'aquelle monarcha comprando fazendas e outros artigos nos mercados europeus por um preço, para os espalharem quasi gratuitamente entre os povos do Estado Livre, com o fim de aviltar o mercado e afugentar o commercio particular para continuarem a espoliar melhor o indigena inconsciente e tudo ficar em segredo entre os agentes do Estado, até que um ou outro descontente venha, como já tem succedido, divulgar as falcatruas, irregularidades, guerras e morticínios que se fazem entre os povos que se não domam facilmente ás suas imposições.

Mas, mais cedo do que se pensa, esses povos encontrarão os seus libertadores em outras tribus contra os quaes será difficil ao Estado lutar, senão tiver que ceder-lhe as prezas com que vai contando. E se o capitão Bateman suppoz que é um caso isolado o que se deu em junho de 1886 com o Biombé Chipelumba em que se lhe demonstrou que os Quiôcos procuravam intrigar este e o seu povo com os empregados do Estado Livre e que foi sufficiente as providencias que tomou para fazer arrepende Biombé e conter na ordem os povos vizinhos, engana-se.

Os Quiôcos que o capitão Bateman diz que estavam intrigando os empregados do Estado com o Biombé, a ponto de lhe proporem que decidissem ou sujeitar-se ao Estado ou a elles, são os Quiôcos que em fevereiro de 1886 passaram proximo do meu acampamento; era a povoação completa do principe Mucanjanga, era o Quilunga, aquelle primeiro caçador Quiôco que entrou na região dos Balubas e se fez amigo do Quichimbo Cassongo, era o introductor da liamba, por assim dizer o que creou o Lubuco, Estado ou Sociedade da Amisade.

Estes e muitos Quiôcos parentes e amigos que se lhe jun-

taram com os seus povos foram dispostos a estabelecer povoação na confluencia do Luachimo com o Chiúmbue já em terras dos Bachilangues.

Abandonaram os seus sitios por já nestes não passar negocio e por se julgarem com direitos a partilhar dos lucros do Muquengue hoje Cáxia Calemba, havidos pelas committivas de commercio que estavam entrando no seu Estado.

Tendo os Quiôcos conhecimento que pelo norte vieram os brancos (*inguerêzes*) que queriam tomar conta das terras do Muquengue, principiram a chamar a attenção dos potentados seus vizinhos e antigos conhecidos para se sujeitarem a elles e não aos brancos pois que estes iam estragar as terras com o seu negocio, prohibindo a venda de gente porque a queriam para si.

Os boatos correram e no nosso regresso em agosto e setembro de 1887 de Mataba ao Caungula do Lôvua, os Quiôcos de Quissengue e de Muchico e os Matabas estavam dispostos a irem unir-se aos Quiôcos do Mucanjanga para guerrear os Balubas do Muquengue e protegerem os Bachilangues-Balubas ainda não sujeitos a este principe.

As ultimas noticias que tenho das guerras feitas pelos empregados do Estado contra um certo numero de tribus, vejo-as confirmadas pelas noticias vindas do Zaire em setembro e que são do dominio da imprensa portugueza, e como o capitão Bateman menciona algumas correções que pela força das armas teve de inflingir a um certo numero de tribus, merecem credito estas ultimas noticias, sendo o resultado de taes guerras o grande numero de prisioneiros que teem feito os agentes do Estado e que entregam ao Muquengue para com estes receber marfim dos Bacubas, marfim que depois vae parar ás mãos dos Administradores do Estado Livre no Zaire que o remettem para a Europa como rendimentos de commercio licito!

LUBUKU

A FEW REMARKS ON

MR. LATROBE BATEMAN'S BOOK

ENTITLED

THE FIRST ASCENT OF THE KASAI

BY

HENRIQUE AUGUSTO DIAS DE CARVALHO

MAJOR OF THE INFANTRY STAFF IN THE PORTUGUESE ARMY
COMMANDER OF THE PORTUGUESE EXPEDITION TO THE LUNDA LAND IN CENTRAL AFRICA
(1881 1888)

LISBON
NATIONAL PRINTING OFFICE
1889

TO THE PORTUGUESE PRESS

The following remarks have reference, though partially, to one of the most vital questions for the Portuguese Nation—the integrity of her African empire—which every body abroad seems bent on undermining.

They are not the result of superficial views of an irresponsible writer, but dictated by the deep-rooted convictions and experience of one who has spent nearly the whole useful time of his life in the African Continent on service of his country.

I inscribe these pages to the Portuguese Press, with an earnest appeal to all organs of political parties, to all writers, publicists and public men sincerely devoted to their nation's welfare, in order that they may forego their contentions, their competitions, their labours in the interests of school or faction and strain their whole energies, and join and unite in the struggle going on for the maintenance of our rights to that which has cost us so much of life-blood and treasures.

*
* *

I may solicit indulgence from the impartial reader for any fault due to the haste in answering to the strictures on the character of some Portuguese and on Portuguese influence in Africa, contained in the narrative, at other respects interesting, lately published in London by a British subject, Mr. Charles Somerville Latrobe Bateman, sometime an officer in the Congo Free State, entitled—*The first ascent of the Kasai, being some records of service under the Lone Star.*

Some facts I have stated are, I am sure, known only of a few, and I have availed myself of the opportunity to put the reading world in general *au fait* of certain circumstances concerning the Congo Free State, recent African explorers, the eternal slave question, the rights of priority to discovery, occupation or civilization in African regions, in short of Portuguese action in the so called Dark Continent, and especially in Lubuku; some of these subjects being more fully treated and with more detail in the series of volumes in course of publication, embodying the work accomplished by the Expedition I had the honour to lead, by order of His Most Faithful Majesty's Government, to the Lunda land in Central Africa, during the years 1884-1888.

*
* *

The Portuguese Nation has been and continues sincerely and with the greatest honesty of purpose to be a decided foe to slave trade, and the author cited is himself reluctantly compelled by the irresistible force of truth to acknowledge

that in Portuguese territory¹ the living merchandise of the slaver is valueless or almost so, since Portugal has made serious professions of suppressing the slave trade.

Of all powers interested in the extinction of slavery Great Britain knows too well how much loss, heart-burnings and insult we have borne; the Nation will never forget, in our earnest wish to be true to our engagements; a name — **Charles et Georges** — and we need not add one word more to the confusion of our defamers.

*
* *

The International Conference for the discussion of the grand question, involving unostensibly most certainly many other correlative and of no meaner importance in Africa for the civilized world, is on the eve of being inaugurated at Brussels. Great Britain, France, Germany, Spain, Belgium, Italy, in short all powers who have more or less interests at stake in the African Continent, will not fail to advocate in that assembly these interests simultaneously with those of humanity. Well then, let us not be behind hand in collecting all the evidence which may concur to put in the clearest light, before the eyes of those who perversely will not see, *our rights* and *our wrongs*.

Let the Nation just stricken deeply by the loss of a King who, to the gifts of an excellent prince, united the qualities of a good citizen and a sincere patriot; let Government, let the Press, let the public at large contribute their share of means, of action, of advice and encouragement for the pursuance of

¹ Op. cit., p. 157.

this our national aim — the maintenance of our African dominion — and if we all have the same will, we shall most assuredly have the power to uphold it.

Henrique Augusto Dias de Carvalho.

October 1889.
12, R. Castilho — Lisbon.

LUBUKU

After the publication of the letter I had the honour of addressing, on the 1st of August, to His Majesty the King of Belgium: *L'influence de la civilisation et de la colonisation latine et surtout portugaise en Afrique*. my friend the distinguished Portuguese consul at Newcastle, Sr. Jayme Batalha Reis, called most particularly my attention to the book of Mr. Charles Somerville Latrobe Bateman, sometime Captain and Adjutant of gendarmerie in the Congo Free State entitled: *The first ascent of the Kasäi, being some records of service under the Lone Star*, Liverpool, 1889.

This work, embracing a period from 30 of September 1885 to the close of 1886, is not yet generally known in Portugal. As it may serve to ground conclusions which might painfully surprise us concerning the doings of our countrymen who were found trading in the Baluba⁴ territory by

⁴ We follow in this paper mr. Bateman's orthography for the native names.

Captain Bateman, I think it advisable on my part to dispel whatever may tend to bring reproach on the character of the same Portuguese to whom the author as well as the *personnel* under the Lone Star and the distinguished German explorers before them, are in indebtedness for many favours and services of no mean value.

I think it will not be unseasonable, to furnish at this moment some information partly of more ancient and partly of more modern date, than that presented in the said book, by means of which the impartial reader may judge of the responsibilities pertaining to the Portuguese traders accused of carrying on *with varying success an unostentatious species of slave-dealing* (*Op. cit.*, p. 84).

I must also remark that in Mr. Bateman's narrative concerning these regions, and more particularly respecting Lubuku, there are deficiencies and lack of precision as to dates of facts which may at some future time likewise lead the historian to ignore, not only the influence exercised by the Portuguese in these parts but besides, that amongst Europeans we were the first to visit this part of Africa and to qualify and prepare the natives for the evolution which put them on an upper level in regard to their neighbours, as observed by Dr. Paul Pogge five years previous to Mr. Bateman's acquaintance with them.

Finally I must add, that the information and data contained in this paper will serve to put in evidence the irregular and authoritative proceedings of the agents of the Free State who, not only compete with private traders in conditions highly disadvantageous to the same, adopting the same system used in the country of unostentatious slave-dealing, but violate the contracts made in due form with free men, inducing them to enlist in the service of the Free State.

In order to follow Mr. Ch. Bateman's statements, I must have recourse to my books in course of publication, and call to mind what cannot be easily forgotten by German explo-

rers, who succeeded in penetrating into the country of the Baluba with the protection of the Portuguese government and the valuable help of its European and African subjects, free from all duties paid by Portuguese traders, in consideration of their scientific aims.

We deemed it convenient to present also these remarks in the English language, in order it may not be said at any time, as it has been frequently the case, that the defense or explanation of the rights and proceedings of the Portuguese in Africa is made in a language not generally understood out of Portugal.

*

* *

In his voyage across the African continent from the east to Loanda by the southern borders of the Balunda territory in 1854, Livingstone confirms what Joaquim Rodrigues Graça had said in his progress from Golungo Alto by the Bihé to the Mussumba of the Matjambo, viz., that the Matchioko did not pass northwards beyond the 10° S. lat.

During the Kasange war from 1857 to 1860 some tribes of Matchioko headed by their chiefs Kissenge, Kiniâma, Mushiko, Kongolo and Mukanjanga had advanced and established their residences between the rivers Luange and Chiumbue going not beyond the 9° S. lat.

Before that time the Portuguese trader Carneiro had already founded at Kimbundu a large trading factory, giving afterwards partnership to his employé Saturnino de Sousa Machado, to whom he eventually transferred it.

The most considerable business of this factory after 1860 was transacted directly with the neighbouring tribes of Matchioko by allowing goods on credit to their chiefs, who were elephant hunters, and by means of its agents (*aviados*) who traded with the subjects of Matjambo.

Until 1850 in the time of the Matjambo Noéji and at his request, some Matchioko hunters of Ndumbá Tembué and

the greatest nobles of his states held their meetings yearly for the purpose of elephant hunting between the rivers Lulua and Lubilachi.

Still in 1864 Carneiro, in company of his Matchioko neighbours, was in the habit of going out for a week or so to hunt that noble animal in the woods not far from his residence on the southern side of the Chikapa, and on his part alone he used to kill three or four.

Ivory was in great request and this accounts for the scarcity after 1866 of elephants below the 8° S. lat. The people from the Mussumba of Matjambo went northwards in their search for them to Kanhiúka and eastwardly in the vicinity of the Lubilachi. The Matchioko after that time dispersed, going towards the north following the rivers Chikapa and Chiumbue, their villages however passing not beyond the 8° S.

As game became every day more scarce, an elephant being only met by chance and alone in their excursions up to the 7th degree, the famous Matchioko huntsman Mukanjanga, better known as Kilunga, set out with some of his most adventurous companions to the north, following the left bank of the Chikapa.

It is well known that when the Matchioko go out on their travels, they always take with them the members of their family, who carry all movables with fear of not finding a single one on their return, and they always depart with the reserved intention of settling where they can find a site, offering more advantageous conditions than the one left behind and where they may not have to fear the opposition on the part of the people among whom they go to settle. For this reason they never forget to bring divers seeds, particularly that of *Cannabis Indica*, lhiamba ¹.

The Matchioko men and women will not go without their

¹ We say either: *li*, *ri* or *di-amba*.

*mutopa*¹ and the Ihiamba leaves, previously prepared, to smoke during the hours of rest or when engaged in company.

Kilunga and his large caravan went to camp on the Kichasa, beyond the confluence of the Chikapa with the Kasai, and he set about immediately to establish friendly intercourse with his northern neighbours, whose chiefs were Kindama, Kingunzo Marimba, Tundo-ia-Nzambi and Makambi, who I was told belonged to the Tupinde tribe. These new friends advised Kilunga and the hunters to pass to the other side of the Kasai, where they would meet the Bashilangé-Baluba, who had a large quantity of ivory and caught elephants by means of traps.

Kilunga sent messengers to their more powerful chief Kichimbo Kassango with the customary present, announcing his friendly visit; the present consisted of a uniform, and a gun and a keg of powder to kill the elephant in place of waiting till he chose to be ensnared.

The chief Kichimbo had in fact a large quantity of ivory he knew not the value of, having his residence all around fenced with elephant tusks for fear of nightly attacks of the larger beasts of prey. Besides these, many tusks lay on the ground amongst the high grass exposed to the weather. He felt surprised at the sight of the present and he thought the sender must be a great man. Desiring to make use immediately of the gun and powder he dispatched his people to the river side to receive Kilunga and escort him to his presence.

In result of the interview Kichimbo allotted the place for the newly arrived people to encamp, and on that same day the whole caravan crossed the Kasai, and proceeded to raise their huts, while Kilunga smoked in company with his new friend, awakening his curiosity by what he related of the great things he new and had seen among civilized people.

¹ Gourd from which they smoke.

They went out hunting together, and Kichimbo quickly recognised the advantage of fire arms, as he had now plenty of meat for his meals; and he also observed that his guest used to smoke much notwithstanding the vomiting and violent cough it used to produce.

Kilunga enlarged on the excellency of such smoking, which stopped hunger, caused oblivion of all the ills that afflict man, transporting him to regions entirely new, where everything is pleasant to the sight, and besides in sleep one came by the knowledge of things which when awake could only be learned by witchcraft.

The above produced great impression on Kichimbo, and of course he wished to try the lhiamba; he smoked a little and soon became intoxicated; he had however such pleasant dreams that on the following day he sowed lhiamba close to his house.

Kilunga having obtained a fair supply of ivory went back to his old place by the Lufi, which flows into the Luat-chimo, not far from the Chikapa, promising to return next year after exchanging with the children of Muene Puto of Kalunga (King of Portugal over the water) his ivory for cloth, beads and other good things they only knew how to make.

In fact he returned again, this time well sure of his way, with packs of guns, powder, beads, salt, cowries, clothing, with the intention not only of hunting, but also of buying all available ivory. He now brought in his company two Ambaquistas (natives of Ambaca), whom he kept in his house to sew his loin-cloths and other garments.

Every year in the dry season the Bashilangé people of Kichimbo expected Kilunga and his fellow hunters, but he failing to appear on 1871 and 1872, was much missed for the sake of his good company, but chiefly on account of the supply of powder and other articles of trade they were much in need of.

Kichimbo shewed much concern for this unaccountable

absence, and one night to invite sleep and drive away his cares he smoked the lhiamba and dreamed; he found himself in the land Kilunga had described to him so often, where he went to the dwelling of the white men and saw lots of clothes, cloth, guns, powder, beads, buying everything in exchange for ivory and bringing it home, and that afterwards the white men of Muene Puto used to come to his place for ivory and bring him many things, and of better sort, that those his Mat-chioko friend used to carry.

So strong was the impression produced on his mind by the dream, that early in the morning he called his brother-in-law Kingenge and his cousins Kapuku, Kimbudu and Umbeia, and related to them what he had seen under the influence of Kilunda's lhiamba, inviting them to set out with him in search of the dwelling place of his friend. They agreed to carry a fine present of ivory and young women, that he might show them the house of the white man where he supplied himself.

Fearing the opposition of the people they had to meet on the way, as it was the first time they left their native place, but considering on the other hand that Kilunga used to come to them for the sake of ivory and young women, they thought that taking an ample supply of both to present to the chiefs of the tribes all obstacles would be removed. Knowing the path followed by Kilunga by the side of the Chikapa, which was agreed would be the one selected, they set about getting ready their caravans well supplied with the above commodities, both for presents and for trade, and to show everybody on the way that their intentions were peaceful, they left behind their bows and arrows carried always for defense.

When passing the Kasai at the port of Muiamba the delegate of Mai Munene, lord of the place, made his appearance to stop them on their way; Kichimbo however immediately gave him to present to his master two tusks of ivory and four girls and for himself one tusk and two girls.

Maï Munene's answer was not long in coming, he thought the Bashilangé's journey on the whole a daring enterprise; however, as his delegate had sent word that Kilunga had often visited Kichimbo and as he wished to be on good terms with the Matchioko and with his neighbours, and for other considerations, he thanked them for the present and in return sent them provisions for the way and two trusty men as guides to the border of his dominions. Such treatment obliged Kichimbo to send another present.

Following the banks of the Chikapa, Kichimbo and his band pursued their journey giving small presents here and there, till they reached the site of Mona Kongolo (9° S. lat. nearly) where he found a few people established from Ambaca and Malange. Here they stayed for some time because Mona Kongolo, Kilunga's cousin received them very well; and as many of the young men from his place had belonged to Kilunga's first expedition to the Bashilangé, these wished to entertain some of their friends who accompanied Kichimbo.

Mona Kongolo got a good present of ivory and girls and not wishing to deprive his cousin longer of the satisfaction of receiving his friend, who had come from so far on purpose to see him, supplied the company amply with provisions for the rest of the journey.

On one occasion Kichimbo, when talking with Mona Kongolo, with Joanes Caxavalla (mentioned by Captain Bateman as Manuel Caxavalla Silva da Costa) and his relation Antonio Bezerra Lisboa and with other natives of Ambaca and Malange, he related to them his dream and his earnest wish of making acquaintance with the white men of Muene Puto, know their manner of life, etc., etc.

Antonio Bezerra was accordingly chosen by that chief as one of the persons who was to accompany Kichimbo's band to Kilunga's dwelling at Lufi, and to guide him thence to Saturnino Machado's trading-factory at Kimbundo where Bezerra was employed.

Mukanjanga (Kilunga) was lying sick, but felt agreeably

surprised with the visit of his friend, wondered at his boldness in engaging on such a long journey to see him, received him heartily, but said afterwards to Bezerra: «—I am sorry he has made this journey, he opened the way to his country and spoilt the business.»

Kichimbo presented him with ten tusks of ivory six being of first sort, and twelve maiden girls. Kilunga in return gave him powder, guns, beads, etc. As they wished to exchange their ivory for other commodities he had them escorted to Kimbundo and strongly recommended them to his friend Saturnino Machado, commonly known by the natives as Kisséso. Machado received Kichimbo as a guest in his usual good way, had the company properly lodged and cared for with plenty to eat and drink before entering into any kind of business transaction with his new customers; the custom being generally to begin only after three days rest from the journey.

Saturnino Machado availed himself of the opportunity to enquire from Kichimbo and his kinsfolk all about the customs of their country, of the commodities they could offer for barter to the white man, the ways of business and showed himself ready likewise to satisfy their curiosity concerning the Portuguese.

These frequent conversations were interpreted by Ambaquistas, Malanges, in fact by different parties all from the province of Angola who stayed at Kimbundo and that could more or less make themselves understood by the Bashilangé.

As a matter of course on these occasions all present took their share in the conversation, and everybody remained *au fait* of the advantages in preferring the country of the Bashilangé to that of the Balunda for bartering the small stocks of goods they got on credit from the portuguese stores in the districts to the eastward of Loanda, and of the good use they could make of the knowledge imparted likewise to them by the Portuguese. Machado saw the evident ad-

vantage of conciliating the good will of his new customers and allowed them to choose to their hearts content, and at the established rates, among all his goods, and both Kichimbo and his people supplied themselves of everything they required.

On their way homewards the caravan passed by Kilunga's village and they invited him again to go to them and teach the young men to handle the guns they had got, expressing much satisfaction for the good business made with the white man.

The news of this expedition spread among the Atchibangala of the banks of the Kwango and neighbourhood of the route opened by the Bashilangé-Baluba, and it also became known that they stood in need of salt and cowries in large quantities, of guns and powder, and that they had plenty of ivory and india-rubber.

On arrival at his residential village Kichimbo invited all kinsfolk and the old men of the neighbouring villages to come and see the display of all the riches he had brought from Kilunga's ¹ and to hear the advices he had to give them concerning their welfare.

He advised all who wished to be happy to smoke lliamba, and that thenceforward he only would accept as his friend the lliamba smoker; that the knowledge of its virtue he owed to the friendship existing between him and Kilunga, adding that they who promoted the growth of lliamba would constitute the community of friends — Lubuku — its primary aims being the happiness and welfare of the Baluba and their country and the opening of it to all strangers who wished to maintain amicable intercourse and trade with its inhabitants.

The younger part of the assembly quickly embraced

¹ For a long while they were persuaded that all lands traversed on their route belonged to Kilunga.

these ideas, but they found opposers among the grey-heads, and such people who wished to maintain old usages, and to this may be ascribed the distinction which sprang up of the *Bana-lhiamba* and the *Impelumbo*.

Before forming part of this society of friendship the uninitiated must subject themselves to the performance of a certain number of rites, of which the bathing of the body in a river is the principal one; they constitute what they call *Moio*; some define it as an *oath*, others as *life*, owing to the abandonment after initiation of old habits and usages, and the adoption of new ones instituted by the lhiamba smokers. Presently *Bana-lhiamba* and *Bana-moio* means the same—persons of first rank in the state, who constitute the *Iabuku*—and from this class are promoted those who at the court of the sovereign go by the title of *Mukelengé*.

Kapuko Kimbundu, Kichimbo's cousin, not wishing to alter completely his old habits, left the place, keeping notwithstanding his allegiance, and established himself with his people on one of the banks of the Muansagoma river, and this tribe, distinguishable immediately by their dress, remind the Cabinda of the coast, wearing instead of the large cotton loin-cloths hanging from the waist to the small of the leg, garments of their own manufacture of textile plant-fibers known as *mabella*.

Kichimbo went again on another journey to Kilunga's and was successful, his people believing that some beneficent spirits watched for the happiness of their chief's dominions, being since then considered as—*Mukengé*—superior to all other chiefs.

This man died in 1873 when on a visit to Kilunga, as it is said, leaving a son still under age. This chieftain sent the youth back to his relations with the news of the father's death, saying at the same time, that to him belonged the succession of the state and if they wished to continue to have the friendship of the Matchioko, to accept his advise.

The brother-in-law of the deceased, Kinguengé, on the

alleged ground that he and his wife, Kichimo's sister, had likewise performed the journey to Kilunga, took to himself the reins of government, as well as the care of educating his nephew to succeed to him after his death, and declared he felt himself strong enough to pursue the work of his brother : the agrandizement of his country and the prosperity of the people. All of the Lubuku were of opinion that he should be Mukengé, and he imparted this resolution to Kilunga, assuring him that he would protect his own nephew and educate him in a suitable manner to succeed in time to his father's state, which he would find in a bettered condition, relying at the same time on the friendship of all his Matchioko kinsfolk, for the success of his plans.

The fact is that, during the government of the present Mukengé, successor to Kichimbo Kassongo, commenced the inflow of caravans of Matchioko from the banks of the rivers between the Kasai and Luangi, of Atelibangala and of various people from Angola, and even the Ambaquistas, people from Malange and other parties belonging to caravans from Angola, who knew how to read and write the Portuguese language and had learned various trades, established temporary residence in the principal town and other villages of Lubuku. Mukengé and the Bana-moio treated them as friends, rewarding them well, with india-rubber and slaves as helps for their domestic labours, for cutting and sewing their clothes, making shoes teaching their children and so forth.

The Ambaquistas, chiefly on account of their skill in the manufacture of pottery, wooden ware and blacksmith's work realized good profits by making themselves useful.

Our people from Angola by their constant intercourse with the Baluba, and even by intermarrying with them, came at last to introduce into their dialect a great number of Portuguese terms, prefixed already according to the forms of the Ambunda language, supplying in this way the wants they encountered in their vocabulary.

In fine, the growth and developement of a certain civili-

zation showed itself by the change in manners and customs, fostered at the same time by the increased trade due to the inflow of native caravans from different quarters, all of them supplied from our province of Angola.

Among the most frequent visitors to Lubuku, about this time (1874 and afterwards) we find Manuel da Silva Costa, best known as Joannes or Caxavalla, who had made several journeys to the capital of Matjambo and was perfectly *au fait* of business with the Bahunda and Matchioko among whom he had lived for a long while.

He had been frequently in the employ of Custodio José de Sousa Machado of Malange and of his brother Saturnino de Sousa Machado at Kimbundo.

On his last return journey from the Bahunda capital his kinsman old Lourenço Bezerra, agent of the Machado firm, put him in charge of a large caravan of ivory for the said house, and on crossing the Kasai he fell into an ambuscade prepared by the Chanama, who took him for a sorcerer. This adventure put his life in jeopardy during several days.

Sending messengers to Saturnino Machado who was on the way to the Kasai, but receiving no answer for they had missed him, he contrived to make his escape. Machado succeeded afterwards in recovering a large portion of the sequestered property.

After this adventure Caxavalla took good care not to return again to the Matjambo's dominions and began to frequent Lubuku at one time commissioned by Machado and at other times with goods on credit, sending also his relations thither.

As in fact ivory had never been plentiful at Lubuku because the elephant pursued from the south did not stop here, crossing the Lulua and spreading about the country of the Bakété, Bakuba and Batua, and as these peoples refused admittance to strangers, never requiring cloth which they supplied with their own fabrics, they exchanged their ivory with the Baluba for cowries and slaves.

As the Baluba were the only people with whom they transacted business, the native traders who sought to procure ivory among the Baluba, had to purchase slaves wherever they were to be sold, and in their transactions these were passed on to the above together with cowries, salt, powder, guns and beads. Besides the Baluba of Lubuku, the Banalhiamba, on account of the reformation of their customs, held their wives and children in greater esteem and wanted help to relieve the family from the performance of a certain kind of domestic drudgery, reputed now as degrading.

This species of slave-dealing as Mr. Bateman calls it, became among these peoples a very natural transaction, as a mean of supplying their wants.

But be it as it may, the fact is that this mode of trafficking is especially indigenuous of the African continent and not a novelty introduced by the merchant Saturnino Machado, as Captain Bateman will see by the sequel.

Up to 1874 the caravans going to Lubuku did not cross the Lulua, neither did they go beyond the confluence of Lulua and Kasai bartering the contents of their packs in the very capital town of Mukengé. It is the opportunity now to say that the Turuba of Mai Munéne, the Tubungo, primitive peoples who gave rise to the Matjambo State, and the Mataba from the north believe the Kasai to be the son (affluent) of the Lulua, and call this one Nzaire; the people of Mnata Kumbana (Tupeinde), give to the Kasai the name of Nzaire, and the subjects of Mnene Puto Kasongo and neighbouring tribes give also to the Kuango, on their lands the same name. If all these nations or tribes have not a perfect notion of what is the true Nzaire, all however know it, and according to the saying of the people the Nzaire should be considered the whole body of united waters of several affluents flowing in the grand canal which debouches into the Ocean.

But this is a matter of name, and it belongs to science to determine by the study of all its affluents which of them should bear the real name of Nzaire. Captain Bateman opines

that the Sankoro, which up to the present had been considered as a lake, even by the last German explorers, should be the Kasai, but the natives have names for their streams, and these ought to be the names they should go by, notwithstanding the maps giving others.

It was only in 1875 that the Mukengé, for the sake of facilitating business, allowed the caravans to stop at Kabau on the left bank of the Lulia in the Baketé land, and at Kapuku on the bank of the Muansangoma, provided they paid him tribute or tax when passing by his residential town, for coming in, and going out of these markets.

It was a mean of attracting his trading neighbours, by which the Baluba profited.

*
* * *

From 1875 to 1876 Europe did not know of the existence of Lubuku, and yet the province of Angola through the agency of her natives, via Kasange and Malange, had been receiving from that region ivory and india-rubber, being about this time that the German expedition of Drs. Pogge and Lux, with the assistance of the merchant Custodio Machado of Malange, reached Kimbundo, where they were received by Saturnino Machado his brother and lodged in his factory.

Dr. Lux returned and Pogge accompanied by the *pombeiros* of Saturnino Machado and by Vunje, a Matjanvo functionary, residing at the time in Kimbundo for fear of his master, departed to that sovereign's capital by the old route called *o caminho grande* (the great way).

Dr. Pogge was the personification of everything that is gentlemanlike, and he so captivated the brothers Machado by his courtesy that they did all in their power to further his projects, to remove every obstacle in his way and mitigate and render more endurable the asperities of every kind to be met by him who travels through the interior of Africa.

Saturnino Machado, considering that Dr. Pogge was going

to find himself alone amidst people to whom he was a complete stranger, directed Lourenço Bezerra, his agent at the Mussumba, a native already far advanced in years and thoroughly respectful, who spoke good Portuguese and had stayed some years at the court of Matjambo, — being with this the forth sovereign he had known there, — to be always by the side of the doctor, advise him of what passed between Matjambo and his subjects concerning his person and do all in his power to render his sojourn, at least at the Mussumba, as comfortable as possibly it could be.

Dr. Pogge retired in 1876 with the intention of coming back with a companion disposed to go from the Mussumba to the eastern coast whilst he stayed with the Matjambo, endeavouring to ingratiate himself with him and procure his friendship.

The doctor was much esteemed at Malange by the Portuguese from the metropolis, confessing himself most grateful to the brothers Machado. Many a time he used to talk of the difficulties he had met with on the part of Matjambo and his court, on the most frivolous pretences, to let him get out of the enclosure where he had pitched his camp; but he would not be dissuaded notwithstanding Machado showing him that he could expect nothing from that sovereign, the same Chanama, with whom Machado had been several times on bad terms.

He used to persist in saying he would succeed and in that disposition came back to Berlin.

While he went about endeavouring to further his project, somebody at Berlin allowed himself to make a not very fair appreciation of Custodio Machado's conduct respecting the treatment of an explorer who had died in his house and Dr. Pogge most conscientiously took up this gentleman's defense, and in such a manner that the Geographical Society of Berlin sent to Custodio Machado a diploma of membership, and as a *souvenir* of the never to be forgotten services rendered to the Society in the persons of her explorers,

they presented him with a splendid chronometre, especially inscribed.

In 1877 the explorer Otto Schütt appeared at Malange with a recommendation for Custodio Machado. He likewise came with the intention of going to Matjambo's Mussumba, and Machado set about organizing the expedition, advising in the meantime Schütt to follow the route by the N.E., because the path chosen by Dr. Pogge was explored, afforded no trade and was infested at different points by the Matchioko who attacked and robbed the caravans.

Schütt desired to pursue the advised course, but so many were the difficulties encountered before reaching the Kwango, among the neighbouring tribes, that he got discouraged and wished to relinquish the project notwithstanding the heavy expense incurred.

Fortunately he met on his way Saturnino Machado in company with his employé João de Carvalho, surnamed João da Katépa. On being told of what had taken place Machado engaged to arrange him a free passage on the Kwango, and in the mean time João da Katépa was sent to the place of contention between the tribes to avoid that they should get an inkling of the purposed plan. Schütt went afterwards to meet them, but as he thought his supplies inadequate to penetrate to the interior, he kept along with João to Kimbundo while Saturnino, reaching Kasange, raised on his own credit in a Portuguese trading factory a good supply of cloth and other articles, which he accompanied to Kimbundo.

Saturnino Machado was of the same opinion of his brother, *i. e.*, that the explorer should not go by the east, and as he had Matchioko friends on the bank of the Chikapa, João was directed to accompany Schütt by the right bank, for fear the carriers, accustomed to the — *caminho grande* — should refuse to follow the route to the north.

Schütt, thinking himself in security, dispensed with João's services and a little further, his interpreter and the head-carriers, on hearing reports concerning the trade of Lubuku,

prevailed on the traveller to desist from going to the Mussumba, and follow the way to Lubuku.

On his arriving to the residence of Maï, this chief did not allow him to cross the Kasai because he would spoil the business. He sent him word to remain in his dominions, to hand him his goods and that he would return the equivalence in ivory. The affair was at this point when Muata Mussemvo of Luatchimo made his appearance, enquiring after the traveller on the part of Matjambo his master, who sent him word to come to the Mussumba, because he had there much ivory to give him; on the other hand he sent Maï orders not to allow the white man to go out of his lands for the cannibals might eat him, and he wished not to be in bad repute with Muene Puto (King of Portugal).

Otto Schütt was in great perplexity on account of these contrarieties, and hearing one night the report of fire arms and thinking it was a menace to his person, to avoid strife, he confided to the interpreter and a few carriers a part of the goods for business and gave orders to retreat.

The interpreter tried to convince him that the firing was due to the celebration of a funeral feast, but a woman who had accompanied him as a his servant wishing to return to Malange for fear of the natives used to deceive him often about the precautions he should take. As he was a complete stranger to the manners and customs of the country, not being even able to make himself understood by the carriers, he insisted in getting back.

Before this on his passing to the north of the 9° S. lat. the Matchioko of Kissengé stopped his way and that affair cost him many days of delay to decide. In the meantime our African explorer and trader Silva Porto passed in the neighbourhood with a large caravan composed of Biheno and Tungobe carriers, going up by the bank of the Kasai, on his way from his residence at Bihé. When he reached Kissengé's Schütt had already departed for Malange.

Silva Porto left at Kissengé part of his goods, passing the rivers Luatchimo, Chiumbue and the Chikapa on lands of Mona Kongolo and from thence was accompanied by Antonio Bezerra, who said afterwards that this commercial expedition was the largest he had ever seen in the interior of Africa.

They crossed the Chikapa at Ngina Nbanza and followed the course of the Luatchimo, next that of the Chiumbue, passing the Kasai beyond the meeting of the waters of the two last rivers to the north of the Tubinge at the port of Kambulo Mulonde, the chieftain of a Bashilange tribe, pursuing their route northwards up to the 5° parallel.

During the whole of the journey he maintained good understanding with the Matchioko, doing some business with them; but as the distance to traverse was large and many the villages he had to visit, the outlay in presents to the potentates and portage on rivers was considerable and not below 500 pounds sterling.

At Lubuku he traded with the Baluba, Bakèté and Bakuba, but his delay was of short duration at the different places he visited because the stocks of ivory in market were considerable.

He found already the Bana-lhiamba or Bana-Moio in the state of development already mentioned; and at the capital of Mukengé he saw a great number of Angolese from the north of the Kwanza, and in various places among the Baluba, which he visited, caravans of Matchioko, of Atchibangala and of other nations, encamped for business purposes.

The Basongo and the Bakuba were already endeavouring to obtain slaves to sell to the Arabs on the Lualaba.

In 1878 the German explorer Dr. Max Btchner, distinguished for his sound learning, modest deportment and gentlemanly address, was highly recommended to Custodio Machado by the African section of the Geographical Society of Berlin, which then worked hand in hand with the Belgian International Association. It is needless to mention that he

was received by Custodio Machado in the same manner as his predecessors.

Knowing well of the reverses experienced by Otto Schütt he organized his expedition with the intention of pursuing the schemes of Dr. Pogge. Leaving for Kimbundo, where he was entertained by Saturnino Machado, he prepared himself there with his assistance to face and remove all expected obstacles on the part of the Matchioko, with a good force of Ambaquistas attached to the expedition, which at the beginning was rather small.

Succeeding in repulsing the armed bands of Kisengé, who pretended to attack him, and who failing in his attempt became his friend, Dr. Büchner pursued his route to the Matjambo's capital.

This distinguished explorer observed and said that the Ambaquistas found among the Bahunda their Eldorado *i. e.* *women for wives.*

The Matjambo Chanama did not behave well towards the persevering and affable doctor, who on his return journey suffered the consequences of insisting to attempt the passage through Kanhiúka to the Kasongo; by the Lualaba, avoiding therefore to conform to the custom of doing business with that prince, which by the bye was tantamount to deliver the whole of the goods into his hands and remain at his disposal, to leave when it might be his pleasure, and that only by coming back to Malange.

Leaving Kaungula's dominions on the bank of the Lovua he attempted entering the lands of Muata Kumbana, and by following the course of the Luangi to find his way to the Nzaire, but the Matjambo's delegate, who accompanied the explorer to the Kaungula by order of his master, fearing he would go to Kanhiúka, intrigued in such a way with that chief and even with the carriers of the caravan, that Dr. Büchner saw himself obliged to burn part of his stock and retreat through the lands of Kapenda Kamulemba.

He encountered still difficulties for pursuing his journey

near the Kwango, being opportunely relieved with supplies he was in need of by the Portuguese merchant S. E. da Cunha, who had a trading house on the bank of that river and went on purpose to meet him with what he required. Dr. Büchner desired immediately to satisfy his indebtedness by negotiating an ivory tusk of first sort, and at his request Cunha presented him to the potentate Capenda, who had already refused to receive him a few days before.

Dr. Max Büchner came back to Loanda in 1881 where I was at the time. Desiring to meet me he found in me a sincere friend.

He once told me that to be unfortunate in everything even his Natural History collections were lost by the wreck of the steam-packet which carried them to Europe.

While the doctor was engaged in the interior of the Continent, Major V. Mechow had arrived at Malange, applying of course to the house of Custódio Machado, who received him as his guest and supplied the indispensable means for his exploration on the Kwango. A few days after his arrival at Malange, Dr. Paul Pogge again reappeared at the place in company with the accomplished young infantry officer of the German army H. Wissmann.

By this time our famous and intrepid explorer Major Serpa Pinto had reached Europe, being enthusiastically greeted everywhere for his glorious and rapid voyage across the Continent, realized with such limited resources both of men and of *materiel* that every body would be led to disbelieve of his success.

Dr. Pogge was informed of the troubles and impediments thrown in the way of Dr. Büchner, but he showed himself now more determined than ever to further his old scheme. He too coveted earnestly for his country, the glory of a voyage across Africa by the Bahunda land, devoting himself with ardour to the labours of such an undertaking, notwithstanding the praises for the success of the enterprise he had in mind being reserved for his fellow-traveller.

At this time nobody thought neither at Berlin or at Brussels of Lubuku, from whence was returning the well known African pioneer Silva Porto with the fruits of his hazardous and laborious trading venture across the lands of the Matchioko, the scourge and terror of the Balunda villages and of the Atehibangala and other caravans.

Dr. P. Pogge was well aware that he and his young companion would find themselves at Custodio Machado's house as if they were in their own home; and it was likewise this merchant who organized the new expedition recommending to them Caxavalla as interpreter and Germano for their private attendance.

Machado was then perfectly well informed by his brother, by Caxavalla and others all about Lubuku and of the good understanding existing between Mukengé and the Portuguese African subjects, it being known, that Silva Porto was doing much business there. Every time Dr. Pogge offered an opportunity Machado for these reasons used to try to dissuade him of returning to Matjambo, advising him to effect the voyage by the north.

It was by this time that Antonio Lopes de Carvalho in the employ of Custodio Machado returned from the interior. He found himself in precarious circumstances because of unsuccess in his commercial exploration. Carvalho had come from the Brazil to Africa very young, but had been born in one of the provinces of Portugal, which by the bye was, I think, Beira and not Minas, a province of Brazil, as stated by mistake in Captain Bateman's book.

He had indeed been in Benguella before coming to Malange and had roamed through the interior in the service of the notorious and daring adventurer José do Telhado, who left a name in the centre of Africa. Laborious and enterprising but imbued by this man in not very rigid principles, Carvalho relates many a tale in which his life had been more than once in imminent danger.

This time he had returned to Malange shattered in health

and in debt to Machado's house, when he might have come back with means that would secure him comfort for the rest of his days.

He had set out on a trade venture at his own risk going beyond the 24° E. long. and between 10° and 11° S. lat. To the south of Samba he found ivory in abundance. On his return voyage, wishing to avoid the Matchioko, he penetrated deeply into the Balunda land and there by order of Matjambo he was deprived of the whole of his property and obliged to go to the Mussumba, which he had avoided when in the possession of goods.

Owing to S. Machado's influence and Bezerra and Vieira Carneiro's strenuous efforts, who were both then at the Mussumba, the first engaged in a trading and agricultural enterprise, they succeeded in obtaining his liberty, the Matjambo himself supplying guides and provisions to enable Carvalho to reach Kimbundo.

Carvalho had been plundered by orders of the Matjambo for having gone southwards with packs of merchandise, and for slighting his orders and driving off his people when called to his presence. He paid dearly for his imprudence in not conforming to the usages of the country through which he passed, and sure it was a hard lesson he never forgot and which placed him in a most precarious situation.

Both Carvalho and Dr. Büchner, who were also Machado's guests, did all they could to dissuade Dr. Pogge from attempting to cross by the Mussumba, and both were of opinion that while Chanama held the dignity of Matjambo nobody would succeed in effecting such passage. Carvalho declared his readiness to accompany the German explorers by following the route which he himself had taken to the Luabala; but Dr. Pogge declined to accept the offer because he perceived that Carvalho backed by the Expedition would put him in difficulties, by trying to retrieve part of the losses sustained, and besides because the principal aim of the Geographical Society was to know the amount of ivory the Mat-

jambo's people said existed at Kanhiúca, between the rivers Lulua and Lubilachi, at three day's journey to the north of the Mussumba, and considered to be the property of that prince.

*

* *

When the Expedition reached Kimbundo Saturnino Machado, with his practical good sense informed the explorers of everything which had taken place in the interior after Dr. Pogge's return.

He stated that the Matchioko and the Balunda had passed from the quarrels Dr. Büchner had first witnessed to open war, they had killed the greatest chieftain of the Balunda on the other side of the Kasai, Muansansa, lord of Kabango; that the Matjambo had for several times gone out with his armed people to make war on his great vassals between the rivers Kashidish and Lubilachi, to the east and southeast of the Mussumba; that the most enterprising Matchioko from the south were coming up by the right bank of the Kasai, and issued from their villages combined with Munkanza, chief of Mataba, to ravage the country of the Tubongo and Tubingi. Finally considering the situation of the country and the general discontent which prevailed against the Matjambo's power, it was Saturnino Machado's opinion that the most strenuous efforts of the explorers to carry on their project according to Dr. Pogge's views would be fruitless, and he therefore suggested the trial of the route by the Lubuku to the Casongo of Cameron, for in that case it would be more easy to get information on the way concerning the existence of ivory at Kanhiúca and also at Kasheshe, according to Stanley's report. He added that Silva Porto had just returned from an enterprise to obtain ivory which had been carried out in few months, and it was said with success; that their own interpreter Caxavalla was known to the Mukengé and had been on friendly terms with him, and as to the Matchioko, Saturnino was ready to call his

old customer Mona Kongolo, a chieftain much respected by that people, who for a consideration would not refuse to accompany the Expedition.

These reasonings convinced the worthy doctor to change his mind, and Mona Kongolo, with whom he had maintained previous intercourse for some months, showed himself most willing to serve as guide to the Expedition, in return for which he received value in goods to the amount nearly of 12 pounds sterling.

Accordingly they followed the route by the left bank of the Chikapa and after its meeting with the Kasai passed this river at Kikassa striking in the direction of Mukengé's residential-town.

Caxavalla presented the explorers to Mukengé, and so well did he manage things, that in a few days that prince felt himself very happy with his white friends, and, even accompanied them, what is unusual, to the Bassongo land till they reached Kassongo on the Lualaba.

Germano remained behind with a few men from Malange employed in building a house on the bank of the Lulua for a station, whither Dr. Pogge was to return in company with Mukengé after wishing good-bye on the Lualaba to Lieutenant Wissmann, who followed the route to the east coast.

At the Lualaba they met Tippoo Tib, who supplied both explorers with the goods they required. He received a check payable on the east coast, sending also guides to accompany Lieutenant Wissmann to a European station on the Tanganika.

Caxavalla went on with H. Wissmann and afterwards accompanied him to Berlin, and Dr. Pogge, on his return to the Lulua, found a good house built and plots of ground, tilled according to the method used in Ambaca, where the rice was seen thriving on dry soil, all this of Germano's doing.

Dr. Pogge stayed in this house, which he called Lulua-

burg Station, during the years 1882 and 1883, and falling seriously ill he always had Germano by his bedside.

*
* *
*

After the Expedition's departure from Kimbundo to Lubuku, Saturnino Machado, tired of waiting in vain for carriers from Malange to fetch the great number of india-rubber packages which he had in store, and no business doing during months, he entrusted the factory to a native clerk and left for Malange.

He had maintained an active correspondence with his brother, with the view of constituting a partnership for the ivory trade to Lubuku, and being convinced that it would be a successful enterprise, he came to Malange with the purpose of furthering the realization of his scheme.

I was at Loanda during the last months of 1881, when news arrived of the intended scheme of exploration by the brothers Machado, and I then offered myself to the Geographical Society instituted at that city, to accompany the said expedition for the purpose of making different studies on account of the same Society of which I was the Secretary. From January to March of 1882 the Geographical Society kept up correspondence with Custodio Machado on the subject, and by consulting the old newspaper of Loanda *Journal mercantil*, it will be seen to what degree the brothers Machado strained their power to carry out the project.

I am most particular respecting this fact, as well as all connected with the German explorers because Captain Latrobe Bateman in his book (p. 83), after mentioning that Lieutenant Wissmann crossed the continent considerably to the north of lake Moero states:

«...Dr. Pogge returning sick from the Baluba country to Malange *en route* for Loanda where he died. In the meantime, Sr. Saturnino, a half-brother of Sr. Custodio's, entering

into partnership with Sr. Carvalho, determined to set off in the wake of the expedition, and, by availing himself of it as a pioneer-guard, to introduce a considerable quantity of merchandise into the Baluba country, whose resources had been magnified at Malange by the Matchioko, and thus to establish a permanent trading station in the interior by seizing upon the advantage of being the first to enter the newly opened country. They accordingly departed, taking with them a large stock of goods, representing an outlay of several thousand pounds sterling.»

As A. Lopes de Carvalho was in debt to the firm Custodio Machado and without employment, these gentlemen admitted him in the partnership to accompany Saturnino Machado allowing him a third part in the profits.

The expedition began to be organised in 1882, but the idea of it dates from 1881, and it left Malange about the end of October 1883. The number of carriers was about 1:200 and still greater the number of persons attached, Ambaquistas, and Malanges, who went on their own account.

The route pursued was entirely new, unknown to Europeans; they followed the line in the N.E. direction to the Kwango, seeking a port for passage, already beyond the Atchibangala, in the land of the Haris, governed by the potentate Mucto Angimbo. Saturnino's plan on entering the Ma-slunge land was to continue in the same line, and go up the country of Nzavu, a subject of Matjambo: but the way was impracticable for carriers and he went on in a easterly direction to the Kwango; where he then turned to the N.E. to pass the Lóvna to the north of Kaungula, and thence struck directly to Kikassa on the Kasai. The partner Carvalho, as I saw by a letter of his, seems for business considerations to have parted from Saturnino's company, not on the Luangi, but on the Chikapa.

He went northwards meeting with unsucess, it being thought for some time that he and his party were lost; but afterwards he appeared in the Baluba land to join Satur-

nino, who had established himself at Kapuku, on the banks of the Muansangoma, having visited Kabau, which he saw was a good ivory market, but not inviting as permanent residence as the Bakète people were not to be trusted as close neighbours.

Carvalho surprised his partner and the Portuguese natives of Angola, residing at Lubuku, with the news of an unknown people between the Luangi and Kasai, who had received him badly, and whom he called Tucongo, not to be confounded with the Tucongo already known on the right bank of the Kasai and subjected to Matjambo.

Machado and Carvalho's Expedition crossed the river Kwango on December 1883; Saturnino fixed himself on the bank of the Muansangoma, about the end of February 1884; the Expedition of H. Wissmann came to Malange to organize his company of carriers, in January 1884, and it was after the arrival of this explorer that poor Dr. Pogge was carried into this town in a net on his return journey from the Lulua, accompanied by the faithful Germano. He proceeded afterwards on his journey to Loanda, where he breathed his last on the eve of the day he was to embark for Europe.

Lieutenant Wissmann, on leaving Berlin with the intention of organizing his Expedition at Malange and of getting the supplies he required, undertook to be the bearer of payments for supplies on credit made by the firm Machado to Dr. Pogge's Expedition, concerning which there had been doubts and hems in different quarters. He had also authority to close all accounts of any supplies whatsoever Dr. Pogge might have been in need of during his long stay in the center of the Continent.

From 1883 to 1884 our old allies the English — most likely because they were suspicious of what was a brewing at Berlin *d'accord* with the International Association — showed disposition to put a stop by a treaty with Portugal, to their unlucky Congo question, and while the two governments

were in the way of adjusting the conditions, which were already discussed by the public press, Wissmann's Expedition was on its voyage to Loanda.

Seeing the large number of fire arms and other munitions of war with which this Expedition left Germany, the quantity of horned cattle procured at Malange, and by its destination, Lubuku, it was evident that its chief purpose was not scientific but otherwise; what nobody however could expect was the Conference of Berlin and its *denouement*. I had opportunely advised the Portuguese Government of the large resources of this Expedition and what such preparations suggested, but I could never imagine that the German explorers misusing the hospitality and protection afforded to them by the Portuguese, and taking advantage of the ignorance of Europe, should present themselves as the explorers of a region already explored by our traders, and that they would incorporate it into the great and partly fictitious Free State of the Congo.

But the deed is done, and it is not my purpose to occupy myself of it presently.

It is evident by what has been previously stated that Mr. Bateman in the narrative of his first ascent of the Kasã, either because he was unsatisfactorily informed, or simply for the sake of brevity, omitted much concerning the organization of Lubuku, the amelioration in the condition of its inhabitants due to Portuguese influence, and the important services rendered constantly by Srs. Machados and other Portuguese to the German explorers; also that the Expedition Machado & Carvalho had been organized and had departed from Malange without that firm or any body else at Angola knowing:

1° That the daring explorer H. Wissmann would return from his memorable voyage across the Continent, to fit out a new expedition to the Lubuku.

2° That the end of this Expedition in combination with H. Stanley would be to trace the limits, in Central Africa by

the southern side, of a State, nobody dreamt of except its promoters, that would absorb as many tribes as possibly could be, without contestation on the part of Europe, taken unawares, and in which the Nzaire with the best part of its branches would be included.

3° That England, who was actually negotiating with Portugal to recognize the rights of this power to the Congo, imposing conditions whose rigour we were trying to mitigate, should relinquish certain advantages and submit to God knows what German influences at the Conference of Berlin; and that the imaginary State would become a hard reality, swallowing up territories that should by many reasons be considered Portuguese as the Baluba lands of Mukengé or of Kashia Calemba, a denomination by the bye new, which Captain Bateman surprised me with, which we never heard of from the deceased Dr. Pogge, neither from our friend H. Wissmann, nor from the Portuguese natives of Angola and many other Africans, who supplied me with informations about Lubuku and the work accomplished among the Baluba and their neighbours by Wissmann's Expedition and the Free State authorities, who succeeded him; informations I avail myself of to complete this paper.

*
* *

Lieutenant Wissmann encountered great difficulties in contracting carriers for his Expedition, in consequence of the scarcity of men in the vicinity of Malange due to the many engagements in Machado's service.

He only got the number of men required about the middle of July 1884, arriving at Luluaburg station on November of the same year.

As soon as Saturnino Machado had news of the Expedition's arrival he immediately left his house, performing a three day's journey to tender his services to his old friend

and guest, and to congratulate him not only for the brilliant success of his voyage across Africa but for having arrived to Lubuku safely without encountering any obstacles on the way.

He had occasion of being useful to him and to his companions on several occasions.

Wissmann was well acquainted with Saturnino Machado's worth and many a time he spoke to me about him in the highest terms, as of a person whose character claimed respect and esteem; he praised him much for his untiring activity and for his way of treating the natives.

Saturnino Machado did not calculate delaying long on his trading exploration, and expected to be able to visit all the ivory markets among the Baluba in six months, and realize the whole of his business as Silva Porto had done, although he had to work constantly, because many of the Bakuba that brought him ivory at night did not choose to stop till the following day, and had to be attended immediately on their arrival.

He knew very well that the people of Malange could not be counted upon longer that the time to perform the journey, six months, the most. They wished to reach their homes before the rainy season, to be able to till the lands for their crops. He therefore had engaged Zingas (Jingas).

The contracts were drawn before the administrative authority of the Malange district, the chiefs or headmen (*Sobas*) of the parties contracted being present, who guaranteed their performance in behalf of their people. The Zingas received an advancement on account of their stipulated wages, equal to the price agreed for the journey with the Malanges, and during the whole time of service received rations as the first, that is, a certain portion of cotton stuff, beads, etc., to barter for provisions.

They bound themselves to accompany the partners during the time the exploration lasted, having to present themselves with one of the said partners at Custodio Ma-

chado's counting house to receive the remainder of their pay, or if otherwise with the proofs that both partners were dead. Custodio Machado was to stand as representative of the partnership at Malange, being answerable to the Sobas for these payments in agreement with the conditions stipulated.

The Sobas, on their side, constituted themselves responsible for the fulfilment of the contracts, and to provide reimbursement to the partnership for thefts or other losses caused by the parties presented by them.

Both the native usages and the Portuguese laws were duly attended to in respect to contracts with free men. There are tribes as the Matchioko and the Bihenos, among whom something more is required; the lives of the persons contracted have a stipulated value for the tribe, so that in the event of death of one of these parties in the service of the contractor, he knows he must pay to the head of the tribe the value of that life, and Silva Porto unhappily by his own experience, knows too well what this usage of his neighbours has cost him.

The period of service was well defined, that is, from the date of departure from Malange to that of return with one or both partners, or before if both were deceased, and this was guaranteed by the Soba according to the custom of the tribe.

The contracts made by the German explorers were always made in the same way, and nobody can say that they are not legal and binding among free people.

The interest of the Society, nobody can doubt it, would be to realize their transactions in the least time possible, and the longer the delay the more would be the expense in the maintenance of people contracted on such terms.

The partners who, before the arrival of Wissmann's expedition to Lubuku, had succeeded indisposing of a large portion of their merchandise, saw themselves in great straits to negotiate the remainder, for reasons which will be given in the sequel.

Months passed before they could make the most trifling transaction, and it became requisite to go out on excursions to places where the influence of the merchandise spread by the German expedition had not yet reached, to be able to do something.

Captain Latrobe Bateman arrived on the 7th November 1885 to the confluence of the Luebo and Lulua, where he built Luebo station, which remained at his charge.

A. Lopes de Carvalho exchanged some business correspondence with the said officier, concerning the transmission of a portion of ivory belonging to the partnership to the coast by water-carriage, *via* Leopoldville; and it was in consequence of this affair that Saturnino came to Luebo from his trading station at Kapuku to speak with Captain Bateman, and according to what the last says Saturnino came on a bad occasion, for he was suffering from the results of an attack of fever and ague. By my calculations deducted from Mr. Bateman's narrative, this must have taken place about the end of March 1886.

Sr. Saturnino availed himself of the opportunity to make a complaint against the Bakète people, in the neighbourhood of the station, who had attempted to plunder him, and he demanded that they should be duly punished. Mr. Bateman, in place of attending to the request, disregarded Saturnino's statement, and shows himself much satisfied for not having injured the interests of the Free State. I cannot enter myself into the details of this transaction, but I am sure some day or other Saturnino Machado will do it on his return to Angola.

On this same occasion Mr. Bateman as chief of the Luebo station, being in want of cloth and cowries for pay and to buy rations for his people, requested Saturnino Machado, to furnish him with a certain quantity of these articles. Sr. Saturnino showed himself ready to supply the goods, but observed he could not answer for their safe conveyance to the Luebo station on account of the Bakète; he was therefore,

accompanied by six Zanzibaris and a corporal to escort the merchandise he had agreed to send.

To this point I wish more particularly to call the attention of readers, because of its connection with the contracts I mention above, and also as it puts in evidence the proceedings of the Commandant of the Free State station and shows how he returned to Sr. Saturnino Machado the service he rendered of supplying him with what he stood in need of, defalcating his stock for business, and not at exorbitant prices as Mr. Bateman grudgingly will have it, because such goods having been bought at Malange came charged with duties, land-freights, etc., being of course dearer than those procurable in the Free State.

In his book Captain Bateman says, pages 89-90:

‘On their return journey they convoyed a number of Sr. Saturnino’s Zingas bearing the goods I had purchased from him. These poor fellows, seeing the happier life our people led, absolutely refused to return to their master, and insisted on volunteering for service under the State. On hearing of this, their compatriots still in Sr. Saturnino’s service, forthwith, for the most part, forsook him, and came to me, so that, as I enlisted them readily enough, my force was raised to about one hundred men. These proceedings, which I at once notified to Sr. Saturnino, brought us into renewed communication, and eventually his partner, Sr. Carvalho, came to Luebo in no very amiable frame of mind.

He represented that not only were the enlisted Zingas indebted to him for thefts of his goods committed at various times, but that they were bound by a contract, concluded at Malange in due form before the Commandant of that place, in virtue of which they must remain in his service for an indefinite period at a stipulated remuneration, not to be paid until their return to Angola, and for rations which were to be supplied to them from time to time, and he produced papers in support of his contention.

What he did *not* state was that the head chief of these

men had practically sold them to Sr. Saturnino, for he had agreed that none of his people taking service under the partners should return to their homes unless accompanied by one or other of their masters, or unless bringing proof of their decease, and that should any of the Zingas return otherwise, they were to be most severely punished practically put to death (!!!). On the other hand I explained to Sr. Carvalho, and demonstrated by documentary evidence, that the laws of the Congo State did not recognize as binding contracts made by «third parties», because people, to be personally and individually bound by a contract, must personally and individually consent to the same, and to that end must understand and be in every way cognisant of the whole conditions of the contract. I then caused the men to be interrogated upon the subject, and found that they had most certainly not committed themselves to the contract, and that being all free men, and not slaves (some of them were petty chiefs), their head chief had acted *ultra vires* in contracting for them. At the same time I examined into the alleged thefts, some of which the Zingas acknowledged. Accordingly I informed Sr. Saturnino that, excepting a few individuals whom he had expressly asked me not to engage, and whom I referred back to him, I was prepared to retain the enlisted Zingas, and to keep back from their pay the amount of their debts to him, for which I gave him a cheque.»

Let us see how Captain Bateman closes his considerations about this most irregular transaction.

«I have every reason to believe that the merchant was as ill pleased with the settlement as I was satisfied, for the Zingas, almost without exception, turned out excellent and trustworthy workmen.»

In common parlance this is simply, cool!

In truth, one can scarcely believe in the forbearance of Sr. Machado; he must have found himself much worn out by fatigue, age and anxiety on account of the bad results

which he foresaw to his enterprise, not to revolt and be grossly shocked at such conduct.

We ask all the distinguished explorers, all travellers who have voyaged in Africa, all landed proprietors in any colony even on the Africa sea-board, what would they think if any body came to tamper with their contracted carriers or workmen, offering them more comforts or any little increase in the wages they received as stipulated in their contracts?

How can a contract made with free people, before the recognized authorities of the State and of the social body to which they belong, and of their own free will, be rendered void by the authority of an alien, who professes to act in behalf of a friendly State, only because the period of duration of the said contract is dependent of circumstances unforeseeable?

In the first place, when the authorities of the Free State took possession of Lubuku, they had, either to guarantee the security of lives, properties and contracts of the Portuguese who were there established, as subjects of a friendly State, or else advise them to leave the place immediately if they did not choose to subject themselves to certain impositions.

Secondly; the contracts we treat of were made with free men, not only foreigners to the country, but subjects to Portugal, and such contracts were legalized by the authorities of their government at Angola and their tribal authorities which they fully recognize.

Thirdly; if a case unforeseen in the civilized codes of laws, obliged Captain Bateman to adopt the course he did for humanity sake, such course could be justifiable, if he took measures to have his *protégés* conducted to their native country and presented to their own authorities, but never by enlisting them in the service of the State he served, and congratulate himself and rub his hands for having raised his meagre force (which by the bye, notwithstanding the happier life led at Luebo did not tempt the neighbouring

tribe men to volunteer) to about one hundred men who turned out excellent and trustworthy workmen!

And will any body tell us when the new contracts made with the Zingas by Captain Bateman come to a close?

And does Captain Bateman know why Sr. Saturnino expressly requested him not to engage a few individuals whom he referred back to him?

With these men the partners intend to justify themselves before the authorities at home for the non performance of the contracts respecting the parties enlisted in the service of the Free State, and make good their rights for damages and losses due to the recession imposed by the Commandant of the Luebo station.

Unfortunately the whole of Saturnino Machado's correspondence respecting 1886, in which he related the transaction and business affairs of the partnership never reached their destination; of this he complained in his letters written in 1887 which I have in my possession.

*

* *

I must now enter upon a subject treated with some detail in my letter addressed on the 1st of August to His Majesty the King of Belgium and from which I transcribe the following paragraphs:

«Parmi les Tchilangues on vend aussi des êtres humains pour du sel, et les caravanes qui vont au Loubouko, entre le Cassaï et le Louloua pour le commerce licite de l'ivoire et du caoutchouc, doivent d'abord se munir de nègres, car sans eux elles n'y feraient aucune transaction.»

.....
 «Les *Bana riamba* ou *Bana moïo*.....
 achètent, en dehors de la tribu, des femmes pour faire ces services et des garçons pour les travaux du labourage, de

transports et autres. Outre les gens qu'ils se procurent à cet effet, ils en ont aussi besoin pour l'achat de l'ivoire qu'ils se procurent dans le nord. »

« Ils acceptent en échange de l'ivoire seulement des fusils, de la poudre, des verroteries, des coquillages, et au moins un jeune homme ou une jeune fille. »

« Les noirs qu'on obtient dans toute cette contrée, sous la qualification d'*esclaves*, sont vendus dans les territoires de l'État Indépendant du Congo, au trafiquant Tippu Tib et à ses compagnons, qui sont sous la protection du dit État, comme de bons et généreux alliés; les noirs achetés, les mains liées et la chaîne au cou, sont conduits, par des chemins que les trafiquants connaissent et qui ont déjà pris leurs noms, à la côte orientale, et de là ils suivent la destination qu'on veut bien leur donner. »

« Les expéditions allemandes qui en 1875, 1877 et 1880 se trouvaient à Lounda, la première et la dernière dans la Moussounba du Moutianvoua, pour pouvoir franchir cette contrée, durent respecter les usages et les habitudes des peuples, accepter les cadeaux, qu'on leur faisait de nègres et de les adjoindre dans les caravanes à leur service. »

« Ces cadeaux leur étaient faits pour qu'ils pussent obtenir des compensations de la part d'autres peuples en articles de commerce, ce moyen étant le seul par lequel ils pouvaient se les procurer. »

« Je veux dire par là, que ces expéditions durent profiter d'un usage établi pour pouvoir avancer dans ce pays, sans quoi elles auraient dû rebrousser chemin, ne pouvant même pas trouver des aliments, puisqu'on ne leur en vendrait qu'à ce prix. »

« L'État Indépendant du Congo, pour pouvoir se main-

tenir, ainsi que les expéditions scientifiques et commerciales pour atteindre leur but à travers la contrée centrale du continent, et les différentes stations civilisatrices européennes à l'occident, pour pouvoir suivre leur marche, ont dû accepter la vente des noirs comme une institution sociale des habitants de ces contrées, et les nouvelles associations humanitaires ainsi que tous ceux qui prétendent coopérer à l'organisation et à la régénération des indigènes ne peuvent le faire qu'en se servant de ce moyen.»

«Peut-on éviter que le commerce pénètre au centre du continent? Non. Eh bien, quelque insignifiant que soit ce commerce, il y donnera de nouvelles forces à cette institution.»

These practices were not introduced at Lubuku or elsewhere by the Portuguese merchants Machado and Carvalho, as anybody might be led to believe on reading Captain Bateman statement, pag. 84-85:

«They proceeded to establish themselves on the Muansangoma, where they built a store and dwelling-house combined, and continued to transact business with the natives with varying success. Their trade, an unostentatious species of slave-dealing, I will explain. Their *modus operandi* was as follows: Finding it impossible to obtain ivory from the Bakuba or Bakété without exchanging slaves, they purchased from the Baluba slaves of that or kindred races in exchange for cloth, which was valueless to the Bakuba, whose requirements their own native manufacture more than sufficed.

.....

«The slaves so obtained were passed on to the Bakuba or Bakété, together with other goods, in exchange for ivory. As a sample of the value given and received I submit the following statement from original and authentic memoranda in my possession. In return for one slightly damaged «point of ivory» (*apunta avariada custou o seguinte*) sr. Carvalho gave:

Two young girls.
 Five crosses of copper.
 5:000 cowries.
 200 twisted Venitian beads.'

That such practice was not of Saturnino Machado's liking I can prove by some passages of a most interesting letter in my possession dated from Lubuku, December 1887, which I think worth while transcribing as it also shows the reasons why the writer has been so long delayed in transacting his business.

'After the arrival of Wissmann's Expedition to Lubuku

The country has passed by a complete change, the value of everything, either articles of trade or victuals has increased, cotton stuffs have been spread everywhere with profusion; india-rubber, which was sold at exceedingly low prices, costs now thrice as much, there being very little to be had, ivory has become a rarity, and that which appears is sold at very high prices and will not suit at any market of our Province.

'The caravans of the Matchioko, Bangala and Malange come in we may say daily. At present there are in this country more than two thousand of these people, who swarm all over the territory of Lubuku, leaving not one single ball of india-rubber, or a single *slave*. We must however agree that it is not this kind of people who make more harm to lawful trade, they make bad bargains, trading without count or measure, carrying the india-rubber to the markets of our province and keeping the slaves as helps for their labours.

'What is however in the highest degree injurious we may say baneful, are the caravans of Bihénos, who land at Kabau on their way from the east. These are a regular plague, a real calamity; it is owing to them that we are making acquaintance with distress and experiencing the most severe losses.

'We have made several journeys to Kabau, the last one

in May, and we have had always the misfortune to meet with this plague, being obliged to turn back with our merchandise, as it is impossible to do business in competition with those traffickers in human flesh.

«These banditti do not carry to Kabau one single cowrie, one single bead, their sole commodity to barter for ivory being *numerous gangs of slaves*, whom they sale to the Bakuba at exceedingly low prices.

«To form an idea of this disgraceful trade suffice is to say that they give a slave for a small tusk of ivory weighing 4 pounds; two slaves for one of 10, six for one of 20, ten for one of 30; for a tusk weighing from 50 to 60 pounds they will give twenty slaves, in fine they gave *fifty four slaves* for a piece weighing 92 pounds!

«At first it seems incredible that this can be done, but alas it is a melancholy truth!

«The Bakuba, while they can make business in this kind of way, will not give their ivory for articles of lawful trade, or, if they do it, demand the equivalent to the value of slaves in cowries. Now the price of a slave at Kabau is five thousand cowries, a fixed price all over the country, so that whoever wishes to buy a tusk similar to the one sold for forty five slaves, must give two hundred and twenty five thousand cowries, the equivalent of 225 kilograms weight. The price of this article coming from Malange will be at Kabau 700 réis the kilogram, and the buying of such a tusk would amount to 157\$500 réis, about 35 pounds sterling.

«This shows how the ivory trade stands, owing to the nefarious slave dealing. But people may say, how is it possible that the Bihénos can afford to give such a large number of slaves for one single tusk of ivory?

«The reason is most simple, and I will explain it because I had an opportunity of witnessing one of these transactions on the journey I performed to the basins of the rivers Sankoro and Lumami, where I met a caravane of Tungombe. These people having left Bihé repaired to Katema on the

river Dilolo; from thence they crossed the tract of country between Samba and Matjambo to Kanlinca. Afterwards they passed to the right bank of the Lubilachi, in the Balungo country, where they began to purchase slaves. Going over the extensive country of cannibals, between the Lubilachi and the Limami, they went on buying slaves from Lupungo, Sappoo-Sab and other potentates, giving a kilogram barrel of powder or a gun for five slaves, four yards of calico for one, etc. They descended then with the course of the Sankoro to the country of the Basongo, crossing the river to the left side and entering Kabau where they supplant the lawful trade with their own of slaves, which they obtained at the lowest prices.

«It was in November 1886 that I met at Sappoo-Sab's three of these caravans going to Kabau, conducting upwards of eight hundred slaves!

«These, exchanged for ivory at the rate they paid them, leaves an astonishing profit.

«I submitted the fact to Baron de Macar, political chief of the District, and told him that it was impossible we should be sustaining loss in our business interests in this way, not being able to do any lawful transaction beside such competitors, and if he was unable to remedy this state of things, by repressing energetically the slave dealers, that I would myself be under the necessity of collecting a sufficient force to expel them.

«He showed himself very much concerned, but could do nothing in our behalf, because the Luluaburg station has not got one single man capable of handling a gun, and the Luebo station about 12 miles distant has only six Zanzibaris, who are unable to cope with a caravan of Bihénos, armed to the teeth and with plenty of ammunitions.

«At four hours distance from the Luebo station slave trade is carried on, and the *personnel* of the Free State who took possession of the country cannot put a stop to it.»

The necessity of submitting to the conditions of trade in the country compelled A. Lopes de Carvalho to exchange slaves, the circulating medium there, for ivory; against this hard necessity Sr. Saturnino protested as shown by the complaint preferred against the traffic to the chief of the Lulua-burg district, and the memorandum which Captain Bateman says he has in his possession confided to him by A. Lopes de Carvalho, of whom he professes to be a friend, has as much weight as what the explorer Wissmann told me in July 1884, that in his first journey to Lubuku, before Saturnino Machado came into the country, there were handsome girls to be sold for a gun (3 shillings worth).

The great drawback to honest trade consists in what the French and Dutch consuls have complained of to their governments, *i. e.* that the Congo Free State does business in a large scale in conditions highly disadvantageous to the interest of private merchants who have factories, and to all other people who explore the trade in that region; and what is worse, the said government is accused also by the same parties, and this is confirmed by the native traders of our province on their return from Lubuku, that, on the most paltry pretexts, the authorities of the State make war upon different tribes, surprise the native villages carrying away prisoners, whom they either deliver or sale in exchange for ivory!

From another of Saturnino's letters, dated 1887, we extract the following paragraphs, in confirmation of some of the facts stated:

«The articles of trade obtained at Malange at the rate of 2\$000 réis sale at Luebo for 225 réis.»

«Cowries, the principal commodity for the ivory trade with the Bakuba (when there are no slaves to offer) cost at Malange 6\$500 réis the *arroba* (15 kilograms) and reach the Luebo so burdened with charges, that nobody can sell them for less than 10\$000 réis.

«Well, in the Free State every ten thousand cowries, which is more than an *arroba*, sells for 4\$500 réis.

«This is owing not alone to the facilities of carriage, but to the difference in sea freights and import duties.

«What advantage can now find by lawful trade the caravans which in the last fifteen years used to repair to Lubuku markets from Malange and its neighbourhood, if they now meet there better merchandise than they can carry, or as good as theirs for 50 per cent, or even less, than the price paid at Malange?

«The firm Sanford connected with the American Company who intends building the railway from Vivi to Leopoldville, with the purpose of certifying if there will be trade enough to feed that railway, has established in the government stations, under certain conditions, stores of merchandise to barter for ivory and india-rubber, and M. Legat at Luebo, in the months of June, July and August purchased upwards of 1:000 kilograms of ivory and 4:000 kilograms of india-rubber, this last being sold by natives of Angola, who go about the country doing their business. The prices of articles offered in exchange for the two staple commodities do not exceed the cost, freight, etc; the price of india-rubber is 3 d. a pound, and of ivory, whatever the sort 2 s. do.

«As the end of this Company is only to recognize the trading capabilities and resources of the region, it is no wonder they do business in this way. But how can the regular merchant carry on competition on such terms.

«The distance from thence to Leopoldville is 600 miles, and the profits are 1 d. for every kilogram of ivory. For what price will they sell their ivory at the European markets?

«A new Company has now been started under the name of *Compagnie du Congo pour le commerce et l'Industrie*, intending to navigate on all the Congo affluents for trade.

«They do not establish factories; business is made on board special steamers appropriated to the purpose.

«At the sight of such projects, what can be the future prospects of the trade to the east of Loanda?

«It is calculated that the mouth of the Kasai is situated at $3^{\circ} 14' 4''$ S. lat., and above it is said there is an affluent, proceeding from our province, which is navigable to a certain height. The Kuango is navigable nearly up to the gates of Malange, and the Kuilo and the Luangué will allow some say, of navigation by steam launches. The river Kasai is navigable from its mouth to the Peinde. If all these water roads are put to good use by the Free State, most certainly the results will be in great degree injurious to the northern portion of our province of Angola?

«The language spoken at the Congo stations is Portuguese, any other would be with difficulty understood, as the Portuguese were the first, twenty years back, to open the country, and they are met about everywhere in this region.

«It was owing to this fortunate circumstance that the explorer Wissmann and his party could take possession of Lubuku without the least opposition.

«To show the importance of the Portuguese element it is enough to say that the caravans of petty merchants arrive here from Angola nearly every week. All the india-rubber exported from Loanda is carried thence by the Matchioko, Bangala and people from Malango and Pungo-Andongo, and the Tungombes carry it to Benguella. This may be said for the last ten years, because from the Balunda territory little or no india-rubber whatever has appeared during the said period.

«The fact however is that in Lubuku things are taking the same turn as at the Balunda region; its forests are nearly destroyed. The caravans lately arrived are selling their goods for less than half the prices established here, and even so they do not succeed in disposing of their stock in consequence of the stations.

«Before the arrival of Wissmann's Expedition a gun or a kilogram barrel of powder was equivalent to a thousand

india-rubber balls, at present a gun will only fetch four hundred and the barrel three hundred; an ox or cow, which was valued at twelve thousand balls, will not sell for more than four thousand. Not long ago a thousand balls weighed more or less 40 kilograms, now the same quantity will not reach 30 kilograms.

The caravans I met on my way when returning from Lubuku, used to say that the *inguereses* (English), for them the Germans and other Europeans under the service of the Free State are all English, supplied guns to the men they had brought from Malange and afterwards to the Baluba, and fired on the Bashilangé, who refused to pay tribute to Mukenge; that they carried away people tied with ropes, to whom they only allowed their liberty in exchange for ivory, or else were delivered to Mukenge, who sent them to the Bakuba, from whom he received ivory which he passed to the *inguereses*.

The people of many of these caravans appeared before me completely naked and starved with hunger, complaining because on their journey back from Lubuku with their india-rubber loads they had been robbed by the Bashilangué of the banks of the Kasai, to indemnify themselves for the damages and robberies made by the Malange and Baluba armed with the guns of Mukenge's friends.

Other caravans, bringing slaves, said they had bought them from the carriers and soldiers of the *inguereses* who required salt and cloth, and that the *inguereses* paid only with slaves. Some I met also were carrying horned cattle and goods for Mukenge to give to his friends (*inguereses*), which he paid in slaves they stood then in need of.

Captain Bateman most certainly did not expect that any body in Portugal would be so well informed concerning the Baluba territory of Mukenge to be able to answer before the civilized world to his rather one sided and heedless charge against the Portuguese, whom he found already established in the country.

*
* *

Saturnino Machado after being so cavalierly thanked by Captain Bateman for the prompt supply to enable him to pay his people, this officier remaining with Saturnino's carriers who took him the goods and with their compatriots to all of whom he paid rations with that merchant's supplies; notwithstanding all this, this victim of his own magnanimity, or of his philosophy, as his friends at Malange used to call it, when a few days afterwards he heard of H. Wissmann's arrival to Lubuku, he readily complied with this indefatigable explorer's request by sending new supplies to the Luebo and Luluaburg stations. And he did so, notwithstanding the struggle he was engaged in against the ruinous competition of goods introduced at the time by the Free State into Lubuku with a value 50 per cent less than his own, some of them being moreover of superior quality.

It was only in 1887 that Machado sent in the check of Wissmann's expedition, and as there were doubts raised at the Congo for its payment, at his request I wrote in 1888 to the explorer Wissmann at Berlin to be good enough to tell me when and where it could be paid; but as this officier had by this time left Berlin with a military commission from his Government, I received as reply from one of the Administrators that it was indispensable Sr. Machado should send an invoice of the goods supplied to be duly paid. This answer I sent to Sr. Machado in the beginning of the current year.

Respecting the first exploring voyage of H. Wissmann, it was requisite to wait till he had completed his celebrated journey across the Continent and that he should come a second time to Malange, in order that the credits in debt might be paid. Presently we are led to believe, by the delay, that he is expected to come back a third time to Malange to settle this business.

And I must say that if these facts will be now publicly known, it is not in consequence of any reclamation whatsoever on the part of these kind and hospitable Portuguese, but to make evident the contrast between their conduct and that of the Free State delegates who, taking advantage of their serviceableness, present them notwithstanding to the public as Mr. Bateman did in his cap. vi in such unfavourable light.

*

* *

And it is now the occasion to remind that Antonio Lopes de Carvalho, for whom Captain Bateman shows however a partiality, even undertook during his absence to supply his place in the management of the Luebo station where he had established temporary residence to superintend the building of some large canoes for the business of the partnership. Mr. Bateman does not conceal his obligations to him for this and other important services, such as exposing his life to accompany him on dangerous excursions, and shows he duly appreciated the advice Carvalho could often give concerning the mode of proceeding towards the natives, and his intercourse with him during the last eight months he stayed at Luebo.

Did not Antonio Lopes de Carvalho, formerly in the employ of the brothers Machado and now their partner, the Angolese Caxavalla, the loyal head interpreter of Lieutenant Wissmann's Expedition, the gentleman whom Mr. Bateman so justly praises, or the German explorers themselves with whom he met during his service under the Lone Star, did they not enlighten the Commandant of the Luebo station concerning the mode of dealing among the Baluba, the Bakète, the Bakuba and the Basongo, who in exchange for their ivory must receive slaves, which the two last sell to the Arabs who come among them for that purpose, these in their turn carrying them to the eastern markets?

The Bihénos who came during his time to the vicinity of Luebo, to barter their living merchandise for ivory, show that this kind of business was not a novelty, it being most common. Baron de Macar at Luluaburg and Mr. Legat, who took his place at Luebo, are unsuspected witnesses for Mr. Bateman, and the produce of the razzias the Matchioko made among the Bahunda people during the years 1886-1888 was sold to the Bakuba without the Portuguese from Europe and natives from our province of Angola who were established at Lubuku having anything to say with such transactions.

*
* *

Captain Bateman before handing over the command of the Luebo station to his successor M. Legat states that he was obliged to punish with two year's hard labour on board the hulks, for slave dealing and breach of trust, the native of Angola João Domingos, who knew how to speak and write the Portuguese language and to whom he had entrusted the guard of the flock of goats belonging to the station.

This mode of procedure seems to me arbitrary.

The inhabitants of Lubuku or the people who went to settle in this country did not recognise as lawful save their usages and customs and the power of their acknowledged authorities. In this case what I think would have been more regular would be to expel the offender, or better still to hand him to the Portuguese authority on the Congo with whom the highest functionary of the Free State maintains constant intercourse.

I can not guess what will be the end of João Domingos, but I know of the case of a Portuguese subject native of Angola of the name Santos, contracted at Malange by the explorer Wissmann for the service of his Expedition, and by

him recommended to remain in one of the station where he met an awful death!

Santos was trying to separate two natives in a scuffle, and gave a push to one of them who was the most obstinate, and as he turned upon him, Santos struck him a blow on the face; this was enough for the other natives who were by to fall upon him, and handcuff, beat and wound him.

Santos had acted as an employé of the station with the desire of maintaining good order among the servants under his vigilance; but M. de Macar, head of the District, thought right to detain him three days in a prison, and as the clamour of the natives demanding the offender was great, Santos was delivered to them and **burned alive!**

I am sure that Mr. de Macar must have seen himself in great straits to surrender the prisoner and never supposed he would be put to such a horrible death, but the fact is that this officer of the Free State, has constantly shown, up to the last news I have from Lubuku, and implacable enmity towards the Portuguese; and if he could he would expel all the caravans that passed on their way from Angola to the Baluba country.

Dr. Summers of Bishop Taylor's mission at Malange, who had naturalized himself a Portuguese subject organized, with means supplied to him by the well known native merchant Narciso Antonio Pascoal, a caravan to go on missionary labours to Lubuku, which was his most ardent desire.

He entered Lubuku, with the Portuguese flag hoisted at the head of the caravan, following the route of my Expedition to the Kuengo; our flag and the interprets who accompanied him, who were known as subjects to the King of Portugal procuring to the zealous Missionary every facility in his way. Well, M. de Macar rated him vehemently for having hoisted that flag and denied his consent for the prosecution of his labours. Among many flattering compliments addressed by that honourable gentleman to Dr. Summers,—whom I regret not being among the living for he could testify to what I

might then relate,—I shall only mention that M. de Macar did not like to see him carrying the Portuguese flag because the Portuguese were all a set of beasts and thieves.

Now the last appellation fits well to those who have de-luded the good and estimable King Leopold II, depriving him of the best of his fortune; guaranteeing profits to him on ivory obtained in exchange for human beings forcibly carried away from their homes on pretence of tribute to a prince, Mukenge, a sort of unconscious *prête-nom*, whom they pretend to impose on the people; it fits well to those who squander that monarch's treasures purchasing merchandise in the markets of Europe to scatter it, we may say, gratuitously among the tribes of the Free State, with the sole purpose of underselling and driving away private trade, that they may continue to despoil the unconscious native, and everything remain in secret among the agents, till one or another disgusted or dissatisfied, as it has been already the case, comes out and divulges all the trickery, disorder, unlawful warfare and slaughter carried on among the tribes, who will not submit readily to the will of the spoilers.

But perhaps sooner than it is expected these tribes will find help and deliverance in other tribes, against whom it will be hard for the State to struggle, if it is not that their agents will have to relinquish the prizes on which they already count.

If Captain Bateman supposes it is an isolated case the one which occurred in July 1886 with Biombé Chiplumba, showing that the Matchioko pretended to intrigue this chief and his people with the authorities of the Congo State, and that the measures adopted to induce Biombe's repentance and contain the neighbouring people in order are sufficient, he is mistaken.

The Matchioko, whom Captain Bateman says were intriguing the authorities with the Biombé, even insisting that they must decide between friendship with the State or with them, are the same Matchioko who in February 1886 passed

close to my encampment; it was the whole force of the prince Mukanjanga, Kilunga, the first Matchioko huntsman who came to the Baluba territory and gained the friendship of Kichimbo Kassongo, in fine the introducer of the Ihiamba, one may say the creator of Lubuku, the State or Brotherwood of Friends.

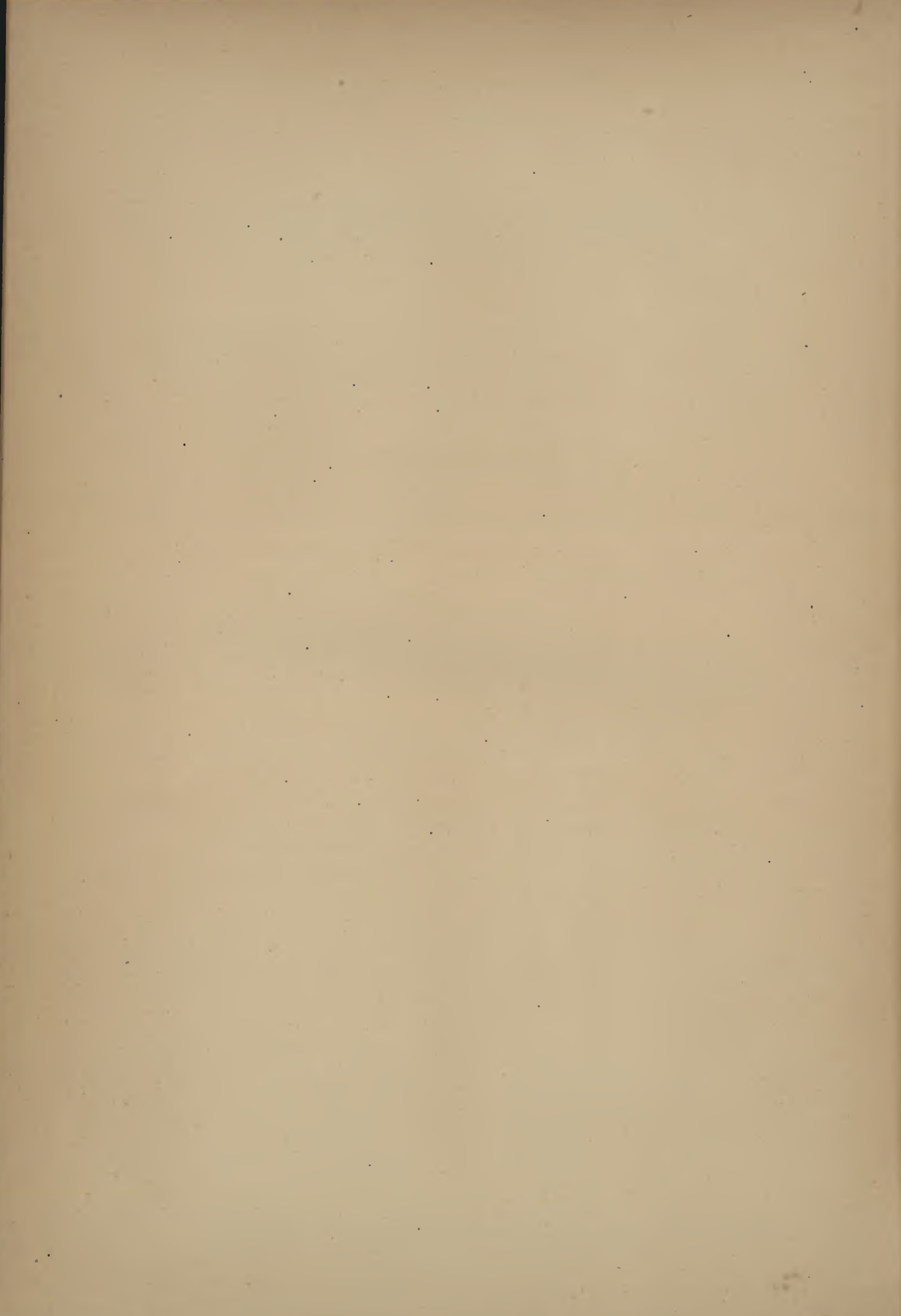
This chief, along with many other Matchioko friends and kinsfolk who joined him with their people, intended to establish their villages on the confluence of the Luachimo with the Chiumbue, already in Bashilangé territory. They forsook their former sites, as no trade passed by and because they deemed themselves entitled to share the profits the Mukenge, now Kashia Kalemba, derived from the caravans coming into the country.

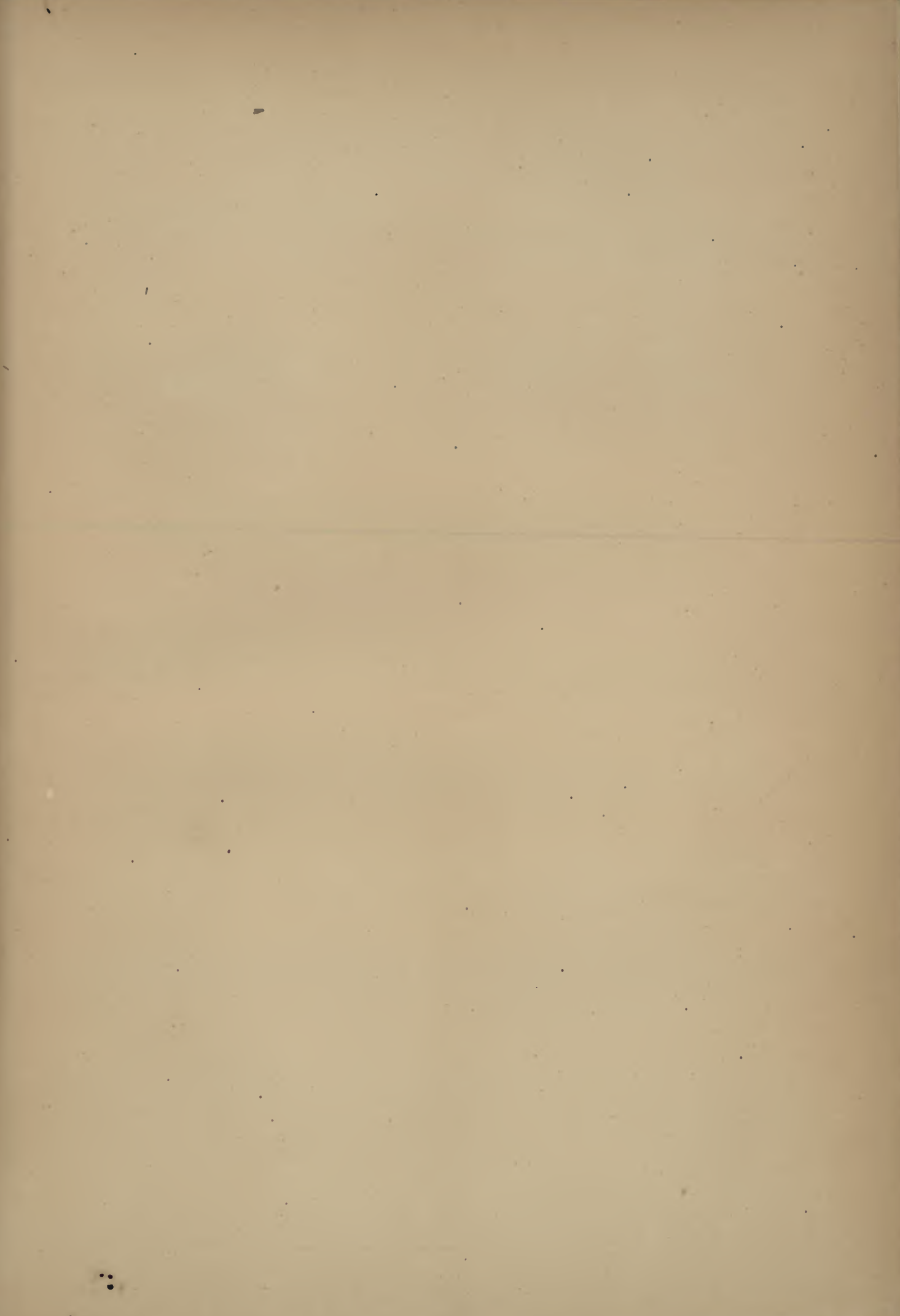
The Matchioko, knowing that the whites coming by the north wished to take possession of Mukenge's territories, they began to stir the attention of the neighbouring chieftains and their old acquaintances, in order that they should tender their submission to them and not to the strangers, for these were coming to spoil the business, preventing them from trading in slaves that they might have it all to themselves.

The rumours were afloat, and on our return journey in August and September 1887, from Mataba to the Kaungula on the Lovua, the Matchioko of Kissenge and of Muchiko, and those of Mataba intended to march and join the Matchioko of Mukanjanga to make war on the Baluba of Mukenge and lend a hand to the Bashilangé-Baluba not subjected yet to this prince.

The latest news received of the wars waged by the authorities of the Free State against a certain number of tribes, are confirmed by intelligence from the Nzaire of September and known already to the Portuguese Press, and as Captain Bateman mentions several cases of chastisement inflicted on various tribes by force of arms, we are led to believe such news: the results of these wars being, the

considerable numbers of prisoners collected and delivered to the Mukenge, that he may in exchange receive ivory from the Baluba, ivory which afterwards will find its way into the hands of the Administrators of the Free State on the Congo to be forwarded to Europe as the proceeds of lawful business.





20-1st of

